

guntava com infantil idiotismo. Não mo dizia o padre, que nem sequer me permitia a ousadia de perguntar-lho.

Os meus condiscípulos, esses pareciam esquecidos do meu infeliz nome; e o outro, que me puxara a orelha, fora expulso do colégio, alguns dias depois da nossa funesta luta.

Comecei a saborear os livros, que tão amargos me tinham sido. Adquiri o hábito de estudar espontâneo e cuidadoso. Senti-me feliz de uma alegria que não sabia dizer. E comecei a ver no mundo alguma cousa que me persuadia do grande bem que a vida era.

Esta minha transformação deu nos olhos do padre, que se esmerava em apurar-me o gosto da ciência. Vi-o alegrar-se com a minha alegria; mas nem uma palavra lhe ouvi que me explicasse a causa remota da minha transformação.

Fechado no meu quarto, estudava eu, alta noite, quando bateram na porta. Abri. Entrou uma mulher encapotada. Fechando a porta, mal entrou, o manto caiu-lhe dos ombros, e eu senti-me comprimido ao seio dela por um abraço impetuoso.

Era a mulher daquela noite da febre. Bem a conheci. Aquelles olhos, negros e luminosos, eram os dela. Eram suas aquellas faces pálidas e magras. Não podia ser de outra aquele talhe de formas melindrosas, e ao mesmo tempo robustas de um vigor nervoso, que parece, em algumas organizações, o galvanismo de um cadáver.

Comigo nos braços, a linguagem dela, eram lágrimas. Palavras, se as tinha, expiravam-lhe nos lábios em suspiros. O mistério aclarava-se. O coração bateu-me uma pulsação nova. Rasgou-se-me no entendimento uma nuvem escura. Senti um calefrio estranho, um abalo de inspiração, um impulso íntimo, que me fazia ajoelhar àquella mulher. E não pude vencer-me. Curvaram-se-me os joelhos; e, neste lance de adoração extática, ouvi uma palavra... «Meu...» e, quando instintivamente colava os lábios na mão daquela mulher, a frase saiu completa dos lábios dela... «Meu filho!» Não me peçam explicações do que então senti. O silêncio de então não podem, hoje, as palavras decifrá-lo. Foi um enlevo que mata a expressão, e indemniza com lágrimas o sentimento. A aparição improvisa da mãe a um filho, que sente pulsar no seu um coração cuja existência ignorava — uma surpresa assim, traz consigo um terror santo, que deve ser a preexistência do homem na presença de Deus.

Quis balbuciar a palavra «mãe», e senti-me embaraçado: não sei se era pejo, se perturbação, se alegria! Não pude.

— Não me dizes nada, meu filho? — murmurou minha mãe, como se receasse ser ouvida. E, levantando-se da penosa posição em que me tinha abraçado, sentou-se em uma cadeira, apertou-me ao seio, e encostou ao meu ombro a sua face, que queimava.

— Lembras-te de me ter visto? — disse ela, sorrindo e chorando.

— Lembro-me todos os instantes; nunca mais pude esquecer nem as suas palavras, nem as suas feições.

— E só me viste uma vez?

— Uma só; mas sei que estive ao pé de mim.

— Que sentes agora no teu coração, meu filho?

— Não sei o que sinto: lembra-me que tinha assim uns sonhos quando estava doente.

— Podes ser amigo de... podes ser meu amigo?

— Amigo de... de tua mãe?

— Eu parecia delirar na sofreguidão dos seus beijos. Lembra-me que no rosto dela havia um movimento, uma vibração de gestos, que parecia o acesso de uma demência. Eu sentia correr-lhe por todo o corpo uma tremura que me assustava, porque eu não sabia o que é a mulher, quando, abraçada a um ente que julgava perdido, pode exclaimar: «Este é meu filho!»

— Eu preciso ouvir-te! — disse ela com apaixonada energia. — Preciso que fales, pronuncies o meu nome muita vez... Parece que duvidas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou? Responde, meu filho!

— Eu balbuciava sons inarticulados. Era um acanhamento invencível; um pejo que me incendiava as faces; uma coacção indefinida, semelhante a outra, e essa única, sentida em minha vida! O coração dizia-me que ela era minha mãe; e os lábios convulsos e indecisos parece que recusavam proferir um nome que lá não fora escrito, na infância, pelos lábios maternos.

— Com os olhos fixos no regaço de minha mãe, e com uma espécie de ressentimento, que o meu silêncio simulava, dir-se-ia que era um filho repreendendo o desamor dessa mãe que o abandonara criancinha, e viera procurá-lo adulto para lhe dizer: «Tenho direito ao teu amor, aos teus carinhos, e ao teu respeito, porque te dei a existência.»

céu azul, e de um crepúsculo saudoso, semelhante a este que nos faz reconcentrar, sentir e sofrer.

Além, por aquela escada, vi descer um homem, que me não conhecia... e eu de relance conhecera no «grande mundo». Fui a meio caminho recebê-lo e cumprimentá-lo. Disse-me que, sabendo que eu estava só neste jardim, antes quisera ser aqui recebido, porque tinha a falar-me de cousas inviolavelmente secretas.

Mandei-o sentar no banco onde agora está a Sr.^a Condessa; e eu sentei-me neste mesmo banco.

Devo aqui ceder ao desejo que tenho de ajuntar os traços da figura deste homem, se a reminiscência mos der fielmente.

Não era alto; era admiravelmente magro. Tinha olhos grandes e negros, e nestes olhos cintilava uma luz inquieta, que revelava um grande alvoroço de espírito. E não era só nos olhos que eu admirava esta volubilidade. Naquele composto de feições, dir-se-ia que a boca era o órgão que menos falava. Por um contraste admirável, a fisionomia deste homem era ao mesmo tempo severa, absorta e tristíssima. O pálido e o descarnado daquele rosto representaria fielmente a paralisia de um cadáver, se a energia exuberante dos olhos lhe não vertesse um como clarão de vida.

Vestia de preto, como em luto rigoroso; e notava-se um desalinho no seu vestido, se bem que de pronto se conhecia que era o desprezo e não o mau gosto que presidia àquele desarranjo de gravata, de camisa, e até de simetria na abotoadura do casaco.

Ora eu não pude esquecer-me desta frívola circunstância que menciono, porque tenho sido muito curioso em reparar na maneira como se vestem alguns homens, que pretendem distinguir-se na sociedade, seja pelo que for.

Tive sempre para mim que a primeira condição de um homem banal, e sinceramente tolo, é o cuidado com que ele compõe a gola do seu casaco, de modo que não discrepe uma linha do talhe que o alfaiate lhe deu. Há aí muita frivolidade nesse espírito, que se considera tanto mais sublime, quanto pode manter-se direito entre os colarinhos da camisa, e verticalmente equilibrado entre as duas asas do laço da sua gravata.

Minha mãe por condescendência, talvez, sorriu-se ligeiramente; e eu não pude avaliar competentemente a crítica jocosa de meu mestre. Continuou:

— E, portanto, se me perguntassem que juízo fazia eu da minha visita, antes de ouvi-lo falar, diria de antemão, como um profeta, aquilo que depois me saiu tão ao certo com o meu sistema de julgar do monge pelo hábito.

Depois dos primeiros cumprimentos, o cavalheiro disse-me quem era. A Sr.^a Condessa adivinhou-o já. Este menino não tem precisão de saber-lhe o nome: faça de conta que ouve uma lenda fantástica, em que o nome do herói é a palavra menos curiosa do enredo.

Vi que minha mãe empregava dobrada atenção, enquanto o padre continuava:

— Dito o seu nome... inútil para mim... o cavalheiro ficou por alguns momentos silencioso, metendo os dedos por entre os cabelos, que atirava negligentemente para trás das orelhas. Perdiu um copo de água, pediu licença de fumar, e alguns minutos de descanso antes de declarar a causa por que viera procurar-me. «Devo parecer-lhe um homem extraordinário!...» disse ele. «Por enquanto — respondi eu — não vejo em V. Ex.^a mais nem menos que um homem.» «Muito infeliz...» acrescentou ele, tomando o copo de água, e dizendo ao criado que o deixasse ficar.

Passados os minutos de descanso, o cavalheiro, com voz pouco firme, porém de um timbre insinuante e simpaticamente melancólico, explicou a sua vinda da seguinte maneira:

«Antes de falar, poderia eu mover a compaixão de V. S.^a a meu favor, se pudesse chorar. Não posso... nem jamais poderei. Se eu, ao menos, puder pintar bem a minha situação, e a de uma infeliz menina que não posso resgatar com o meu sangue... terei conseguido da sua caridade o que as lágrimas conseguiriam.»

«Fale sem reserva. Possua-se de que fala com um homem disposto a servi-lo, como se a nossa amizade fosse de muitos anos, como se V. Ex.^a viesse pedir ao seu mais querido irmão um grande sacrificio.» Estas palavras reanimaram-no sensivelmente, dando-lhe à expressão uma firmeza de confiança e intimidade.

«Eu não procurei — disse ele — quem me apresentasse a V. S.^a. Não há dificuldades invencíveis para uma dor que não envergonha a pessoa que a sofre. Vim só, e não me arrependo de o ter feito, porque leio no bondoso rosto de V. S.^a a tolerância.

niências da sua afeição por um homem, filho segundo como ela. Pediu-me, porém, que fosse seu amigo, respeitando essa mesma sociedade que a condenava.

Compreendi-a.

No dia immediato pedi ao marquês de Montezelos que me ouvisse por alguns minutos. Respondeu-me estas palavras, que me foram gravadas com fogo no coração: «Para evitar-lhe o embaraço de pedir-me minha filha, previno-o que não deve instar por que eu o ouça esses minutos. Eu só dou minha filha ao homem que me prove que é tão nobre como ela. A esta condição satisfaria V. Ex.^a; mas eu só dou minha filha ao homem que, além de nobre, possa provar-me que é bastante rico para fazer que ela não tenha nunca saudades da opulência com que foi criada. Minha filha é pobre; V. Ex.^a é pobre; e nem eu nem o conde de Alvações podemos criar para nossos filhos segundos um estado que envergonhe os primeiros.»

Eu não sei se baluciei algumas palavras que ferissem a susceptibilidade do marquês; é certo, porém, que me voltou as costas, dizendo-me «que espaçasse quanto me fosse possível as visitas a sua casa, para evitarmos ambos o dissabor de dar e receber uma ordem de proibição completa».

Senti-me vexado e corrido: envergonhei-me de mim mesmo, e cheguei quase a persuadir-me da ousadia que acabava de praticar, dirigindo-me ao pai de uma mulher a cujos olhos eu queria valer muito... e o pai dessa mulher acabava de lembrar-me que eu era um homem pobre, e desprezível como um vilão!

O orgulho, em homem pobre, é uma paixão terrível. No rico expande-se em pompas, que deslumbram os seus inimigos. No outro respira pela vingança surda, quando o não devora lentamente.

Lembrou-me a vingança sórdida, a vingança, não direi de um plebeu, porque os fidalgos não se vingam com mais cavalleirismo, mas de um homem corrompido, que satisfaz os baixos instintos da sua alma fazendo subir o rubor da vergonha à cara de um pai que primeiro o envergonhara a ele.

Esta luta do orgulho com a desonra não durou muito. Venceu o orgulho, mas o orgulho da probidade e da virtude, meu único património.

Chorei muito, Sr. padre Dinis, tanto por mim como por ela. Por ela, coitadinha, que contava as horas, e via soar a última

do dia, sem que eu chegasse a consolá-la com uma esperança mentirosa daquelas mil que um homem inventa, quando quer consolar uma mulher que as decepções não gastaram de todo.

Eu fora doente desde o berço, e por mais de uma vez, durante a minha vida de colégio, estive perigosamente enfermo. Não poderia alguém dizer qual seria a minha morte; mas eu sim, porque lhe conhecia os progressos por minutos. Morrer de tristeza aos dez, ou aos doze anos, parece uma fantasia de romance, mas é verdade que eu não podia classificar as minhas doenças com outro diagnóstico. A consumpção rápida e sombria, que me fora na infância o prelúdio desta morte que hoje sinto matar-me, foi acelerada pelo golpe que recebi da única mão que podia dar-mo. O pai daquele anjo convertera-se em um espectro torvo, que nem o reflexo do amor da filha podia desasombrar. Mas este rancor era inofensivo. Nem eu tinha alma para o mal, nem o coração me pedia o sangue de quem me fazia verter lágrimas tão amargas de desesperança...

Esperança... tinha uma, mas era ainda uma mentira instantânea... Lembrava-me a América, onde há muito ouro, onde se conquistam grandes posições na Europa, onde se trafica com o género humano, e donde se parte depois a tirar um diploma de homem honesto em Portugal. Lembrou-me, pois, fugir a meu pai, com a ideia da minha pobreza gravada sempre na consciência, para que não houvesse trabalho grosseiro e baixo que me repugnasse, nem escrúpulo de honra que resistisse à minha fome de riqueza. Era necessário que a sociedade me indemnizasse do património que me tinha roubado com a sua lei dos morgados; e, visto que eu não tinha lei para contrapor à lei, premeditava entrar na conquista da minha propriedade usurpada com as armas, mais ou menos astuciosas, da desonra.

Conheci que esta contrariedade à minha generosa paixão me fizera no espírito um grande estrago. Senti-me corroído pelo cancro da ambição, e perdoei a muitos imorais, cuja causa de perversão me não era conhecida. Vi que bem pouco basta para a desmoralização do mais bem organizado espírito. A imagem dessa inocente menina transparecia luminosa na escuridade dos meus projectos sequiosos de ouro. Como o anjo da serenidade, parecia-me ouvi-la repreender-me a luta de perspectiva ambiciosa em que a minha esperança se empenhara. A recordação da minha passada independência, e do indiferentismo com que

XIII

ALGUMAS páginas que vão ler-se não me pertencem: copiei-as do *Livro Negro* de padre Dinis, como ele o intitulava. Não fui testemunha das cenas aqui descritas. Os meus quinze anos não puderam reter impressões então recebidas, porque o espirito débil não podia digeri-las. O encontro do marquês de Montezelos com minha mãe não consentia a minha presença, nem eu mesmo sabia que tal homem viria àquela casa. E, portanto, vejamos o quadro, vigorosamente desenhado pelo homem que empregou o resto da sua vida perpetuando as reminiscências amargas do tormentoso drama de minha mãe.

«O marquês de Montezelos esperava sua irmã na sala, às nove horas da noite. Quando o annuncií, a condessa perdeu inteiramente uma affectada coragem que tinha mostrado. Sustive-a difficilmente, encorajando-a com a precisão que tinha de ostentar-se forte da sua inocência.

O encontro destes dois irmãos, que há catorze anos se não viam, não se exprime. O marquês reparava em sua irmã com os olhos perplexos de um espanto, que pareciam duvidar da pessoa que se lhe apresentava como condessa de Santa Bárbara. Esta, superior ao dorido ressentimento que devia irritar-lhe a presença de um homem que ajudara a cravejar-lhe os espinhos da sua coroa de martírio, caminhou para seu irmão, estendendo-lhe a mão affectuosamente:

— Ângela!... — murmurou o marquês, abrindo-lhe nos braços o amparo que ela muito precisava para não succumbir à convulsão.

Ângela tinha a face banhada de lágrimas. Dos braços de seu irmão, onde não podiam as pernas sustentá-la, passou a uma cadeira. Via-se que lutava com a exaltação dos variados sobresaltos que experimentava. Cada palavra, sufocada por um soluço, vinha-lhe aos lábios esvaecidos da angústia em raras articulações.

Pertencia-me a mim quebrar aquele silêncio afflitivo para a infeliz senhora, e não sei mesmo se afflitivo para seu irmão.

— O Sr. Marquês — disse eu — veio pessoalmente ouvir sua irmã, depois que ouviu o conde de Santa Bárbara. Entre o Sr. Marquês e sua irmã está um padre, que deve parecer um mistério para V. Ex.^a. A história desse padre... a minha história... compete-me a mim contá-la, e eu farei por que, em poucos minutos, nem eu seja reputado o *agente das negociações adúlteras* da Sr.^a Condessa, nem V. Ex.^a tenha de ouvir da boca de sua irmã confissões que nunca se fazem sem uma grande violência.

Há quinze anos que a Sr.^a D. Ângela de Lima foi encerrada no convento de Nazaré, por ordem de seu pai. Na véspera desse dia foi ferido com dois tiros o amante desta senhora. V. Ex.^a sabe que os ferimentos não mataram immediatamente D. Pedro da Silva, se bem que desde esse instante o desgraçado fez tréguas de alguns meses com a morte, porque o Altíssimo não o quis tirar deste mundo sem que expiasse, com as lágrimas de uma acção nobre, os desvarios de uma paixão generosa nos seus princípios, e lamentável nas suas consequências.

Conheci então D. Pedro da Silva, e amei-o; como filho, desde que o conheci. Amei-o como filho, porque nunca me sentira mais comovido por um mancebo, que queria salvar a honra de uma menina a quem sua família sacrificaria de bom grado no altar da desonra, para depois lhe fazer a apoteose no altar do ouro...

Esta senhora, Sr. Marquês, quando entrou no convento de Nazaré, deixou no mundo um homem que a sociedade não legitimara como seu marido, mas que o coração abraçara cegamente, sem reservas, sem condições, e sem os receios da opinião pública.

Sua irmã, senhor, entrara em Nazaré, quando devia entrar na igreja, para que o ministro de Deus lhe absolvesse uma culpa que a sociedade alcuñharia... uma desonra.

Será necessário rastrear a frase, para ser comprehendido?

Parece que se horroriza, Sr. Marquês!... O cigano também recuou horrorizado diante do assassino, que já não pôde ver a impressão que causara no seu hóspede, porque dera em terra com a última palavra do seu programa sanguinário.

O cigano tomou nos braços este homem, transportou-o à sua cama, e deitou-o com o carinho com que deitaria um seu irmão! E, depois, sentou-se à cabeceira do embriagado, e velou-lhe o sono profundo, até que, alta noite, a digestão se fizera; e o espírito de seu comensal procurava recordar-se da razão por que ali estava.

Come-Facas ergueu-se prazenteiro e chamou pelos camaradas. O cigano sondou-o, antes que os seus camaradas viessem, procurando-lhe algumas reminiscências da conversação que tiveram.

Não tinha nenhuma; lembrava-se, apenas, que bebera algumas canadas de belo vinho, e confessava que se sentia disposto para uma nova bambochata. O cigano a ele só em particular, e a título de especial simpatia, convidou-o para no dia seguinte ceiar com ele, depois que a sua saída da quinta se não fizesse notada.

No dia seguinte, à noite, o cigano esperava com ansiedade o homem a quem apertara a mão, e chamara amigo; não obstante, porém, este lisonjeiro título que lhe dera, o cigano preparou-se para receber o *amigo* como quem espera lutar com um assassino; meteu duas pistolas em um cinturão, e uma faca de mato no bolso da sua jaqueta de peles.

Come-Facas não era homem que faltasse. A mesa estava posta, o vinho provocava o apetite, e o convidado cedia galhardamente à provocação. Antes, porém, que o rubor da embriaguez lhe subisse ao rosto, o cigano tirou da algibeira uma saca de ouro e atirou-a sobre a mesa.

— Que é isto? — perguntou o *Come-Facas*.

— É ouro — respondeu o cigano. — Conta-o, e chama-lhe teu se me fizeres um serviço, que não te custa nada.

O homem abriu com sofreguidão a bolsa, e contou quarenta peças.

— Diabo! — exclamou ele. — Tu és rico! A quem roubaste este dinheiro?

— Que te importa? — tornou o cigano. — É teu se me vendes a criança que o marquês de Montezelos te mandou matar!

Come-Facas ergueu-se de um pulo, e cravou no cigano uns olhos onde regorgitava o sangue da ferocidade surpreendida.

— Quem te disse isso, alma de mil diabos? — exclamou ele, levando a mão ao cabo do punhal.

— Tu! — respondeu serenamente o cigano, apontando-lhe ao peito a boca de uma pistola.

Come-Facas estacou nesse espasmo estúpido, tão vulgar em gente da sua condição. Deixou o seu punhal na bainha, com repugnância, e cedeu prontamente não sei se à boca da pistola, se ao espanto em que o deixara aquele «tu!» proferido com a mais firme presença de corpo, que para tal homem valia mais que a presença de espírito.

— Senta-te — lhe disse o cigano, metendo tranquilamente a pistola no correão —, senta-te e conversa comigo em boa amizade. Tu bem vês que eu sei o teu passado, o teu presente e o teu futuro. Bem vês que eu, se não simpatizasse com a tua cara, podia entregar-te à justiça, e não só dar cabo de ti, mas até atirar com teu amo às Pedras Negras. Vê lá como são as cousas! Não só te não faço mal, mas até te quero dar dinheiro, e livrar-te, por tal preço, de matares uma criancinha.

— Mas que demónio te disse que eu queria matar a tal criança?

— Já te disse que foste tu em carne e osso. Estavas bêbedo, homem... acabemos com isto; foi o vinho que te fez franco como deve ser um leal amigo. Não te lembras que jantaste ontem comigo?

Oh! diabo! então os outros criados do marquês ouviram!... Com mil raios de diabos, estou perdido!...

— Não ouviram nada... Quando tu falaste a sós comigo já eles ressonavam como três porcos a grunhir!... Por isso fico eu. O segredo até ontem era de três, agora é de quatro... Tu recebes a criança: não a matas, entregas-ma, recebes quarenta peças, e dizes ao marquês que a criança está enterrada...

— E tu pra que queres essa criança?

— Que te importa a ti? Imagina que quero um enjeitado de quem hei-de fazer um potreiro de primeira ordem, e um pequeno cigano, fino como o diabo!... Eu sou rico, e não tenho filho nem filha, nem mulher, nem sobrinho que me caísse no goto cá pra o modo de vida em que me vês; e quem houver de apanhar-me as manadas de potros há-de ser homem de se atirar em pêlo para cima de uma faca, e saltar por cima de ti pra a outra banda. Ora a tal criança, se for rapariga, hás-de vê-la daqui a doze anos fugir como um raio por essas campinas sobre

a melhor égua do Alentejo. Se for rapaz, isso então, meu caro, há-de ser como se quer. Neto de marqueses e de condes, há-de ter costela de cigano a preceito. Os fidalgos da nossa terra são a raça que mais se confunde com a nossa. Não há cigano que lhe bote água às mãos aí nas feiras. Palmada que dêem na anca de um cavalo de nora, fazem-no estremecer como um ginete puritano de Alter, ferrado pelos acicates do mais hábil marcialva. Ora aí tens para que eu quero a tal criança. Se fosse teu filho não me servia de nada, porque de um óptimo jogador de faca nunca pode sair um sofrível picador. Lá do neto do marquês de Montezelos, eu te prometo que, se as bexigas o não lamberem, hei-de fazer o primeiro cigano das províncias do Sul. Que mais queres que te diga? Vendes a vida da criança por quarenta peças?

— Homem! tu queres-me botar a perder!...

— És um asno... Perdido estás tu, se eu quiser: pelo menos nem matas a criança, nem recibes quarenta peças... Eu vou daqui direito a Elvas, falo com o corregedor, e digo-lhe que a filha do marquês de Montezelos está como nós sabemos, e que tenho minhas razões para supor que o menino ou menina há-de ser espatifado logo que saia do ventre... Que te parece que fará o corregedor? Intima *in continenti* o pai para que lhe apresente o neto vivo ou morto...

— E que tem lá isso?... Apresenta-lho morto...

— Mas isso é o que não quer o marquês. Tu pensas que vais matar essa criança, para que não venha a suceder em alguma grande herança? Qual herança, nem qual cabaça!... O caso é outro. O que o marquês não quer é que se saiba que a filha teve um filho bastardo... Entendes-me, parvo?

— Vou-te entendendo...

— Ora se o corregedor o sabe, faz de conta que o sabem quinhentos marotos que ele tem em volta de si, que vem a ser escritvães, meirinhos gerais, meirinhos particulares, oficiais de diligências, beaguins, aguazis, finalmente as escolhas mais podres da humanidade... Entendeste agora?

— Está dito! Dou-te a criança, palavra de honra!

— E eu dou-te 300\$000 réis, com que tu podes viver um ano honradamente sem dares uma facada no teu semelhante. Fazes uma acção boa, e podes com o dinheiro que te dou arranjar um modo de vida que te resgate desse officio de carrasco, em que estás atrelado às sopas do marquês de Montezelos.

Eis aqui, Sr. Marquês, a parte mais interessante do diálogo que tiveram o seu criado *Come-Facas*, e o cigano.

No fim de três meses, às duas horas da noite foi acordado o cigano para receber o recém-nascido. Era um menino embrulhado nas dobras de um saco, e comprimido na boca por um lenço; que a generosa parteira não apertou de mais, porque quis desviar de si a maior responsabilidade do infanticídio.

Não obstante, a criancinha vinha quase morta, e principiou a reviver nos braços de uma ama-de-leite que o cigano tinha consigo.

Poucas horas depois, o cigano abandonava os lugares onde vivera quatro meses, traspassara a grossa manada de cavalos que tinha, e desaparecia do Alentejo, onde nunca mais foi visto, nem mais notícia sua pôde chegar...

— Isso parece-me uma novela, Sr. Padre! — interrompeu o marquês. — Pois não houve mais notícia desse cigano?!... Quem nos afiança que tal cigano existiu?

— Afiança-lho o próprio cigano, Sr. Marquês. O padre Denis de hoje não deixa mentir o cigano de há quinze anos.

— Então V. S.^a conheceu-o?

— Perfeitamente; se bem que raras são as pessoas que se conhecem... O cigano era eu, senhor; espero, portanto, que acredite na minha existência; se não pertence à escola dos pirrónicos.

O marquês encarava-me com certo olhar reflexivo, em que o respeito e o espanto se combinavam.

Eu continuei:

— Tomei a meu cargo a criação do filho de sua irmã, Sr. Marquês. O pai do menino a essas horas estava nas vascas da morte. Ainda o viu, e gravou-lhe nos lábios um beijo, para que o entregasse a sua mãe um dia, ou lho restituísse na presença de Deus, onde esperava encontrá-lo. Na minha presença, e nesses dolorosos instantes, é que D. Pedro da Silva escreveu uma carta à mãe de seu filho, pedindo-lhe protecção para ele, se um dia tivesse proporções de dar-lha. Essa carta, que eu pude em tempo fazer chegar às mãos de sua irmã, com a notícia da existência de seu filho, é a mesma carta que V. Ex.^a viu, e é justamente o alvará de algoz que apresenta o conde de Santa Bárbara, se lhe pedem explicação do direito com que martiriza sua mulher.

Entretanto, Sr. Marquês, seu pai, desembaraçado dessa criança que, sem falar, apregoaria alta voz a desonra de sua

mãe, chamou-a para a sua companhia, tratou-a carinhosamente, e lamentou com ela a morte de D. Pedro da Silva! O cinismo de seu pai, Sr. Marquês, envergonharia Diógenes! Essas flores de saudades, depostas pela mão do marquês de Montezelos no túmulo do amante de sua filha, são o mais aviltante esgarço que podia cuspir-lhe na face morta! É quando eu creio que o cadáver estremece no túmulo, e que a justiça de Deus recua espavorida diante dos crimes dos homens!...

D. Ângela aparecia, passado um ano, nos salões. Era aí arrastada por seu pai, quando o não seguia, silenciosa e humilde, como quem receava desafiar-lhe as iras.

O conde de Santa Bárbara era um rapaz, órfão aos dezesseis anos, senhor de três milhões de cruzados, e dissipador de grandes créditos, que contraía sobre grandes usuras garantidas no futuro.

Seu pai começou a meter-lhe à cara sua irmã; sua irmã, porém, nunca encontrou os olhos do jovem conde sem corresponder-lhe com soberano desprezo. A infeliz menina devorava-se por dentro, chamando em seu auxílio a imagem do homem que morrera quando lutava com o pai, que lhe impunha despoticamente o amor do conde.

A luta era desigual. D. Ângela não teve coragem de ceder a vida às ameaças de seu pai. Quando se viu abandonada de todos, recorreu ao próprio conde, pedindo-lhe que a não amasse, que desistisse de um coração que não podia dar-lhe, que a desprezasse publicamente, e ela, em particular lho agradeceria com as mãos erguidas.

Falava com um rapaz sem brios, nem nobreza de alma e sem esse amor-próprio que raras vezes se extingue na mais depravada alma.

O miserável revelou ao marquês as súplicas que tivera de sua filha. O marquês prometeu-lhe organizar um novo coração à sua futura esposa, contanto que ele estivesse disposto a emprestar-lhe uns quarenta contos com que queria endireitar a sua casa, e a dotar com outros quarenta sua filha.

O conde não falhava a nenhuma condição das que lhe eram impostas. Apaixonara-se, e faltava-lhe, como já disse, aquele nobre orgulho que nos faz renunciar altivamente uma mulher que nos pede o nosso ódio por comiseração!

Tratou, portanto, o marquês, de organizar um novo coração à futura esposa do conde.

Proponho-lhe o programa do seu processo, Sr. Marquês: era muito simples. Constava da tortura corporal. Fechava-se em um quarto com ela. Roxeava-lhe o corpo com disciplinas, e alimentava-lhe a vida com alguns caldos, para no dia imediato achar um corpo vivo onde repetir as experiências do processo, que ele chamava infalível.

Ângela estava disposta a deixar-se matar. Pediu um confessor. O pai não lho negou, e louvou-lhe a lembrança. Apareceu-lhe um padre, cuja consciência o marquês amoldara pela sua. A inocente viu a vingança de Deus sobre sua cabeça, e convenceu-se de que era ré de desobediência a seu pai. O padre, comicamente horrorizado, pintou-lhe uma legião de demónios de vários feitios, que vinham buscá-la em corpo e alma para as abrasadas entranhas do inferno. A infeliz chorou, gritou, desmaiou, e pediu o perdão de seu pai, se ainda era tempo de sustentar a vingança de Deus.

O crime estava consumado. Com vergonha e compaixão declarou que a mão de um meu colega pôs a pedra angular neste edifício de imoralidade!

Efectivamente o coração da futura esposa do conde de Santa Bárbara recebera uma nova organização.

Apenas os vestígios da maceração desapareceram da face de D. Ângela de Lima, o conde, recebido em casa de seu futuro sogro, encontrou um sorriso nos lábios da filha.

E que sorriso, Sr. Marquês! Era a fiel expressão da mártir involuntária, a quem pintaram Deus como um tirano, que delega em seu pai o direito de tirar-lhe o coração!

Seu pai acelerava o casamento. Vencera, com ameaças, a resistência do tutor do conde, e iludira a vigilância dos parentes que o estorvavam, chamando para um casamento clandestino o mesmo pároco a quem pagara a confissão de sua filha.

Não se dava neste negócio imoral um passo que me fosse occulto. Eu travei relações com o cura do pároco por quem o marquês repartia um quinhão de confiança íntima, igual àquela que depositara no *Come-Facas*.

Consegui saber o dia do casamento, a hora, e a menor circunstância desse sacramento sacrílego, embora as leis civis sancionem a relaxação eclesiástica.

D. Ângela de Lima era já condessa de Santa Bárbara.

Às duas horas da noite, o ministro de Deus, que vinculara para sempre aquelas almas por um vínculo de Satanás, lavrava

no chamado *livro dos casamentos* a acta de adjudicação de uma mulher que fora ali ajoelhar aos pés do altar, ao lado de seu dono, mas que fora ali impelida pelo terror das penas intermináveis do inferno, que seu confessor lhe abrisse.

O templo estava escuro na sua maior extensão. Apenas finda a cerimónia, o marquês e o genro entraram na sacristia para assinarem o assento do casamento.

D. Ângela ficou orando, e eu, pouco distante, orava também por ela.

Quando vi o conde, curvado sobre o livro, lutando naturalmente com as dificuldades de escrever o seu nome, pé ante pé aproximei-me de Ângela, e entreguei-lhe uma carta.

A pobre menina, assustada, deixou-a cair. Disse-lhe o meu nome, e ela trémula como a haste de uma flor que não suporta uma comoção ligeira, tomou a carta do estrado, e vacilou muito tempo perturbada, sem saber onde a escondesse.

Chamada para assinar, a condessa de Santa Bárbara, ao perpassar por mim, murmurou estas palavras:

— Perderam-me... para sempre!

As portas da igreja fecharam-se. Uma carruagem, cujo frémito ao longe se perdia, levava da casa do Senhor uma mulher que viera, no altar do Justo, receber na fronte o estigma da sua escravidão. O código de Jesus Cristo, interpretado pelo seu ministro, santificara esse estigma com o pomposo título de sacramento! E eu, sozinho no adro do templo, com o peito varado de agonias que me faziam prevaricar na fé, dizia a sós com a minha alma: — Se não existisse o altar, se não existisse o templo, se não existisse o padre, se o ateísmo fosse a suprema razão da humanidade, aquela infeliz não seria agora escrava. Porque o altar é uma irrisão à fé, o templo foi constituído um escritório de venda de alma e corpo; e o padre é aí como a porteira do lupanar, que conduz pela mão o primeiro que lhe paga à câmara da mulher perdida, que se vende.

E, levantando os olhos para o céu, tremi horrorizado dos meus juízos. Pareceu-me que a minha blasfémia fora insculpida no astro da noite, como uma nódoa negra, através da qual me velava o olho da justiça de Deus. E senti curvarem-se-me os joelhos, quando a palavra «perdão!» se me desprendeu dos lábios como um grito atribulado do remorso.

A carta que eu entregara à condessa de Santa Bárbara era a do pai de seu filho, escrita nos transe do passamento. Acompanhava-a um bilhete meu, em que lhe indicava a minha residência, onde poderia alguma vez receber notícias de seu filho.

Não sei dizer-lhe, Sr. Marquês, o acolhimento que sua irmã encontrou nos braços do marido a quem seu pai a vendera. É certo, porém, que, no dia imediato ao do casamento, a condessa de Santa Bárbara, no cúmulo de uma desesperação que eu não sei, nem quereria, ainda que soubesse, definir-lhe, desprezou as penas do inferno com que fora ameaçada pelo crime de desobediência a seu pai. Tanto assim foi, que ela proibiu tanto ao marquês de Montezelos como a V. Ex.^a a entrada em sua casa.

E, como seu pai lhe lembrasse o ardente fogo com que o confessor a ameaçara, sei que ela teve a coragem de responder-lhe que, escrava de seu marido, estava isenta de ser escrava de seu pai, porque o não podia ser de dois senhores. É isto verdade, Sr. Marquês?

— Foi assim; e eu por isso há quinze anos que não via minha irmã, nem meu pai tornou a vê-la, nem mesmo à hora da morte conseguiu que ela o visitasse.

— Eu lhe digo, Sr. Marquês... quando seu pai se debatia nas agonias da morte, que lhe duraram quatro meses, estava a condessa de Santa Bárbara fechada em um quarto, privada de luz, privada de alimentos, e incomunicável para todas as pessoas que não fossem o verdugo que seu pai lhe escolhera, e um criado fiel que a Providência lhe deparara.

Seu pai, senhor, morreu sem que sua irmã o soubesse, porque o conde lhe não deu tal nova, receando com isto dar-lhe prazer.

— E porque estava minha irmã fechada em um quarto?!

— Durou oito anos essa atribulada situação... pouco mais posso dizer-lhe.

— Pois não se explica essa atrocidade?

— Todas as atrocidades se explicam. Medite bem V. Ex.^a e poupe-me o dissabor de lembrar-lhe que sua irmã fora amante e mãe, antes de ser esposa.

— Não o compreendo bem...

— É incrível!... V. Ex.^a crê que a bênção nupcial tenha o poder de fazer virgens?

— Não.

para, na sala immediata, chilrear uns beijos escandalosos, pendurada no pescoço de D. Martinho de Almida. A impudência abstinha-se religiosamente nesses momentos. Era uma convenção tácita, em que a mais imoral das casadas corria parelhas em virtude com a amante de seu marido.

Foi, pois, aí nesse anfiteatro, onde a dissecação no cadáver moral não deixava uma fibra inteira, foi aí que minha mãe, em uma quarta-feira das predestinadas, devia ser julgada, com toda a solenidade das leis vigentes, na jerarquia pundonorosa.

Achavam-se presentes as condessas de Penacova, de Arosa, e Picanhol, oradoras encartadas no conventículo. As marquesas de Santa Eulália, e Simões tinham voto definitivo, no correr dos depoimentos; logo que estas disseram: «Pouca vergonha!» bradavam todas em tom pávido e cavernoso: «Pouca vergonha!»

Os cavalheiros presentes eram a nata da sociedade lisboense, e alguns titulares provincianos que pertenciam ao exercito. Entre todos, porém, é digno de especial menção um intruso na fileira dos nobres, que, na sessão da última quarta-feira, tinha sido o assunto da detracção.

Este homem há poucos meses apparecera em Lisboa, ostentando maravilhas de uma riqueza fabulosa. Os seus trens depriam o orgulho dos palacianos. O seu palacete, edificado com presteza mágica, e arreado das mais soberbas invenções do ouro, irritara a dureza insolente dos senhores donatários.

Alberto de Magalhães viera do Brasil. Quando, e donde fora, ninguém o sabia, nem ele dava lugar a perguntarem-lho. A propensão para o misterioso encarregara-se de o celebrar. O homem apresentava-se bem. Não era melindroso nas formas, mas no todo agradava pela harmonia. Representava quarenta anos. Contra o uso, caprichava em um espesso bigode negro, que lhe aprofundava os sulcos da face, mais terrena que macilenta. O seu olhar era soberano, e ao mesmo tempo assustador. Fixando com atenção, franziã a testa, e aparentava um doloroso aborrecimento. Falava pouco; mas ninguém disse que o seu silêncio era cálculo na estupidéz. O que falava era correcto e sentencioso.

Fizera-se interessante na corte, porque viera do Rio de Janeiro recomendado por uma notabilidade, que vigiava de perto as intenções de D. Pedro a respeito de Portugal. O governo, preocupado com a certeza de uma guerra demorada, abraçava todos os recursos para alimentar a coragem do exercito. Al-

XVII

O tema fecundo de todas as conversações em Lisboa era a fuga de minha mãe. A maledicência, mascarada com os momos e trejeitos da religião, criminao o inqualificável procedimento da condessa de Santa Bárbara. As illustres primas de minha mãe lastimavam-se por tamanha nódoa no brocado dos seus brasões. Nunca se vira semelhante procedimento na aristocracia!... O sangue azul regorgitava indignado nas artérias heráldicas da raça pura. O enojo fazia caretas de indignação em todas aquelas fisionomias límpidas e serenas como a virtude.

O anátema contra a adúltera roçava todos os lábios! O hediondo factó era um escândalo original!

A casa do marquês de Alfarela convergiam as potências mais autorizadas do sangue puro. Ali era o forum da infamação. Naqueles salões caprichava a sátira em empalar a vitima do dia. Desde muito que os serões infalíveis, à quarta-feira, naquela casa, eram o Gólgota onde a illustre dona da casa, ajudada pelas amigas presentes, crucificava as ausentes. Os convivas, de ambos os sexos, eram obrigados a depor no processo, de modo que a ré acusada de uma imprudência não pudesse nunca apelar para a comiserção generosa, ou para a tolerância dos que perdoam lapsos, que são, muitas vezes, o elogio do coração. Aquilo era o sumário. A suspeita era um diploma de devassidão; a devassidão era uma cousa horrível; todos os epítetos obscenos eram permitidos naqueles pudicos lábios, quando um fervente zelo da honra os excitava; tudo era permitido, menos, na occasião desse moralíssimo desforço, sair da sala a marquesa de Alfarela,

berto de Magalhães deu, à primeira instância que lhe fizeram, uma avultada quantia. Proclamaram-no benemérito, e abriram-se-lhe os salões da aristocracia, sem lhe perguntarem quem era e donde vinha. Não tinha alguém que lhe chamasse irmão ou parente. Era só. A curiosidade ralava-se com este segredo. Era necessário dar pasto às conjecturas. Uns queriam que fosse um espião de D. Pedro, dispondo de uma fortuna que devia ser empregada em arruinar o trono e o altar. Outros tinham-o em conta de um aventureiro, que enriqueceu na mercancia ignóbil da escravatura. Este affiançava que ouvira dizer a pessoa fidedigna que esse homem fora pirata nas costas brasileiras. Aquele, com ares misteriosos, dizia que Alberto de Magalhães era filho bastardo de D. João VI e de uma acafata de D. Maria I. Quando este boato extravagante circulou, alguns fisionomistas célebres juraram que o beijo inferior de Alberto era um beijo genuíno da casa de Bragança.

Todas estas opiniões tinham sido discutidas nervosamente em casa da marquesa de Alfarela, na quarta-feira anterior àquela em que a condessa de Santa Bárbara, com o gravíssimo processo do adultério, veio substituir a sindicância natalícia do homem célebre, desde a degradação da espionagem até à genealogia de reis. Achava-se ele presente, mas ao que parecia, estranho à discussão. É o que não podiam suportar as ilustres damas empenhadas em dar a possível elasticidade à maledicência.

A condessa de Penacova, que acabava de expor não só o que ouvira a respeito de sua indigna prima, a condessa de Santa Bárbara, mas até o que pudera inventar no calor da exposição, voltou-se para Alberto de Magalhães, e disse com azedume:

— De que está a sorrir-se, Sr. Alberto?

— É de V. Ex.^a — respondeu ele, amaciando as guias do bigode, sem levantar os olhos dos pés da senhora que o interpelara rudemente.

— De mim!? — redarguiu ela, vermelha de raiva.

— Do mundo, Sr.^a Condessa.

— Não o compreendo...

— Nem nós... — disseram em coro as outras senhoras, com uma visagem de fastio.

— Não tenho eu culpa, minhas senhoras — replicou o imperturbável Alberto de Magalhães, sem mudar a vista dos pés da condessa de Penacova.

— É célebre este senhor!... — tornou ela, dilatando os lábios com um sorriso de aborrecida, expressão tão graciosa, como zombeteira, capaz de dar em terra com o orgulho de um homem.

Alberto sorriu-se outra vez, olhou-a de revés, como quem se previne dos dentes de um gozo que ladra, e disse maviosamente:

— V. Ex.^a quer que eu diga que a condessa de Santa Bárbara é a vergonha da fidalguia, não é verdade?

— Não lhe peço a sua opinião, cavalheiro. O que eu queria era merecer-lhe a delicadeza de não rir, quando eu falar seriamente.

— V. Ex.^a não fala seriamente.

— Porquê?

— Porque V. Ex.^a disse entre muitas máximas da sua eloquente indignação que bastavam as intenções, embora malogradas, para mancharem a melindrosa reputação de uma senhora de nascimento.

— E então?

— V. Ex.^a zombava connosco.

— Ousa muito, Sr. Alberto!...

— Em quê, minha querida Sr.^a condessa de Penacova?

— Em supor que não consagro um sincero culto aos princípios de moral que estabeleço.

— Eu não disse tanto... O que eu disse é que V. Ex.^a não era capaz de sacrificar, como Santa Luzia, os seus belos olhos a esses princípios.

— Isso é um insulto! — exclamou D. Martinho de Almeida, fitando Alberto com arrogância.

— Aquela senhora — respondeu o incógnito serenamente, indicando a condessa — digo que não é. A V. Ex.^a digo... que o tome como quiser.

— É uma provocação? — interrogou D. Martinho.

— É ociosa a pergunta. Eu não o provoço, senhor. Tenho a satisfação de lhe dizer que V. Ex.^a não me dá cuidado, nem me magoou ligeiramente.

— Mas, Sr. Alberto, se é cavalheiro, dê-me uma explicação do seu sorriso.

— Não queira, minha senhora.

— Quero, exijo, e emprazo a sua honra para que o faça.

— O que, em boa honra, podia dizer a V. Ex.^a, disse-o já. É uma cousa simplicíssima. A condessa de Santa Bárbara não

pode ser julgada aqui. Os aforismos morais de V. Ex.^a são exequíveis. A samaritana pode passar, que ninguém levantará uma pedra contra ela.

— Sr. Alberto de Magalhães, hei-de pedir-lhe uma explicação! — disse D. Martinho, tocando-lhe no ombro.

— Fez mal em me tocar, Sr. D. Martinho de Almeida. Essa frivolidade dizia-se de longe.

Alberto levantou-se sem a menor alteração na fisionomia de bronze. Pegou do chapéu, aproximou-se da condessa de Penacova, e murmurou-lhe, quase ao ouvido, com suave sorriso:

— V. Ex.^a tem a seus pés uma carta. Se não é de seu marido, que está nas linhas do Porto, pode ser um ultraje aos seus princípios de moral.

A condessa, espavorida e vermelha, não respondeu um monossílabo. Os circustantes ficaram perplexos, e acreditaram que Alberto era um homem superior, ou o próprio Satanás disfarçado. Saiu, cortejando graciosamente a dona da casa, que lhe recebeu friamente a cortesia. Entretanto, a condessa, com hábil disfarce, afastava com a ponta do pé para debaixo da cadeira uma carta, mal escondida pela orla do vestido.

O acontecimento fora assim. No exórdio da sua oração contra D. Ângela de Lima, a condessa de Penacova pediu a um cavalheiro que lhe desse o seu lenço, que estava sobre um bufete. O cavalheiro, que não a tinha prevenido, envolveu no lenço uma carta, que a calorosa senhora não esperava. Pouco depois, no entusiasmo da mímica, o lenço deixou escorregar a carta, apenas percebida por Alberto de Magalhães. O cavalheiro infeliz não teve um momento, em que pudesse avisar a dama do abismo que tinha aos pés, quando tão convicta parecia fulminar a imoralidade do adultério. E Alberto ria-se deste episódio de farsa, quando a tímbrora condessa, representando o centro na tragédia, o interrogou. O riso era legítimo, santo, e até evangélico, se me dão licença.

XVIII

No dia imediato, Alberto de Magalhães recebia um cartel. Os padrinhos de D. Martinho, segundo o estilo, perguntavam com quem deviam entender-se nas negociações do duelo.

— Comigo — respondeu Alberto.

— Essa não é a praxe. V. Ex.^a deve sujeitar-se às condições que lhe forem impostas por dois cavalheiros da sua confiança.

— É o que eu não concedo a ninguém. Obrigações da honra sou eu que mas imponho. Estou no uso das minhas faculdades. Não renuncio o direito de me dirigir. Respondo por mim: não me bato.

— Não se bate?

— Já respondi.

— E tem ponderado as inconveniências dessa resolução?

— Não encontro nenhuma.

— Há muitas.

— A mais grave de todas?

— É arriscar-se a um encontro, que pode ser muito funesto.

— Opto pelo encontro.

— Não temos mais nada que fazer?

— Darem-me as suas ordens.

Os padrinhos gelaram diante deste laconismo. Olharam-se com ar de assombro, e entenderam que a sua missão estava concluída.

Alberto pareceu esquecer aquele episódio, logo que os cavalheiros se retiraram. Entrou no seu gabinete de leitura, e escreveu, até que lhe anunciaram o Sr. José de Campos Salema.

versação sobre qualquer assunto trivial, quando frei Baltasar, por um aceno cheio de majestade, lhe impôs silêncio.

— O assunto é outro — disse ele, e sobresteve em um recolhimento de minutos, como quem procura de um lance da alma recapitular os toques essenciais de um discurso estudado. Não era isso. O improviso vinha-lhe pronto aos lábios; mas o coração parecia retrair-se represo de uma expansão que tão cara lhe devia ser.

— Meu amigo — disse ele, apertando a mão do hóspede — o meu coração tem tanta vida... Estes tecidos de setenta e sete anos não se relaxaram ainda... Eu sinto aqui uma opressão... parece-me um temor de profeta... Estou constringido... Ter-me-ei enganado com o homem que escolhi para o segredo da minha consciência?

— Não ousou responder-lhe... — disse o padre com ressentida dignidade. — Eu sou o que sou.

— Nunca me responderam assim! Vós sois o homem que eu imaginei... Não me iludi... Agora ouvi-me. Eu nasci no Minho. Meu pai era um fidalgo mais antigo que os reis desta terra. Sem os patriarcas da minha família, Portugal seria hoje uma nesga de Espanha, e Afonso VI de Castela sepultaria em Guimarães a rebeldia do conde Henrique, e Jesus Cristo não viria no campo de Ourique profetizar a derrota dos cinco reis mouros. Bem vedes que a ironia salva-me da imputação que faríeis à balofa vaidade do meu nascimento.

Eu fui educado livremente. Nasci com maus instintos, e franquearam-me carta branca para dispor à larga do ouro com que servia prodigamente as minhas imoralidades.

Tive tédio de mim, quando cheguei aos vinte e três anos sem o estímulo de uma paixão nobre, sem uma afeição pura por uma só de tantas mulheres que atirei à desonra, como fardos insuportáveis, suposto que na consciência me não pesassem nada.

Por esses tempos o conde de Viso... reparai que vós não escondo circunstância nenhuma... se vos não disse ainda o meu nome, logo vo-lo direi... o conde de Viso veio viver na casa de sua mulher, com quem casou no Minho. A condessa fora educada em Lisboa. Vi-a casada; não a conhecera solteira. Esta mulher tinha tudo que perde um homem. Era de uma formosura peregrina, e de um espírito enriquecido por tal arte com os dotes da inteligência, que, pelo amor de tal mulher, pelos

afectos desperdiçados ao homem boçal com que a casaram, eu seria um anjo, e um demónio, seria um virtuoso humilhado a todo o mundo para dominá-la a ela, seria um assassino dos meus amigos, se a condição do meu domínio fosse tal. Um homem que sente assim não é seu, nem da virtude, nem do crime, nem de Deus, nem da sociedade... É dela... é o que ela quiser que ele seja.

O conde de Viso era general. Rústico e áspero da rudeza de soldado, sem trato com as sensações delicadas, e sem artificios para fingir-se com a melindrosa mulher que as conveniências sociais lhe escravizaram, nunca se lembrou de medir o abismo que os separava, nem prever as batalhas que se davam no coração da odalisca, que reage contra a desabrida condenação de um cativo, em posse de um sultão, autorizado pelo sacramento do divino preceito, segundo dizem os casuístas de boa-fé.

O timbre da sua voz não tinha inflexões. Mandava carregar os esquadrões, como chamava sua mulher para arrolar os alqueires de milho que entravam nas tulhas. Concebera a ideia de que há homens que vicram organizados para generais; que o seu officio, na guerra, é matar e morrer: e, na paz, recordar batalhas; pedir uma comenda para cada ferida, apontar as paredes atrás das quais os seus colegas se esconderam em tal refrega, e procurar uma mulher, sem a qual não há outra máquina de criar representantes de glórias, que a pátria agradecida jamais esquecerá.

O conde de Viso era assim, e sua mulher era uma alma anelante, abrasada, cheia de quimeras, conspirando contra tudo que há, porque as suas ambições eram tudo que não há.

Eu entrei em casa do general como quem vai estudar o terreno de uma batalha infalível. O meu orgulho dava-me de antemão os emboras do triunfo. As probabilidades eram todas minhas, ainda mesmo que a fama do meu nome entrasse ali, primeiro que eu, a acirrar os grosseiros cúmes do conde, e indispor a fina sensibilidade da condessa.

A estratégia era torpe. Na presença daquela mulher os meus planos caíam. Olhou-me de um modo que parecia dizer-me: «Recua, miserável!» Recuei. Queimava-se-me a cabeça, cheia de fantasias ardentes, e doía-me o coração de mágoas nunca sentidas; de esperanças, que me pareciam desenganos ao meu amor-próprio... de ansias que não tinham desafogo sem ela,

silenciosa e impassível como um sarcasmo à minha vaidade, uma expiação das baratas vanglórias que me dera a hábil perfídia.

Era a minha primeira paixão. Alimentei-a com lágrimas generosas. Senti-me outro na alma. Vieram-me subitamente as propensões para o bem. O coração abriu-se-me aos sentimentos ternos, à compaixão pelos pobres, à meditação dolorosa e prestante para com os infelizes. A natureza, tudo isto que nos rodeia e nos não cativa um affecto, porque o tumulto de paixões sordidas nos separam do belo, pareceu-me formosa e esplêndida de um reflexo daquela mulher, que viera, como um anjo de paz, reconciliar-me com a virtude.

Estranhais esta linguagem calorosa num velho de setenta e sete anos? A impressão deixou um sulco indelével. Esta suave reminiscência em minha alma é como a flor de toda a vida, sempre viçosa pelo orvalho de lágrimas. Teria morrido, se a paixão succedesse à paixão. Não era possível. Foi única... O corpo envelheceu, mas o espírito nutriu-se para sempre.

O conde de Viso era rancoroso inimigo do marquês de Pombal. Eu de todo o meu coração o detestava, porque meu pai morrera, onze anos antes no castelo de S. João da Foz, onde tragou supplicios da invenção carneira de Sebastião José de Carvalho.

O desejo de vingança fez-me parecer um homem superior na intelligência curta do conde. Nasceu daí a simpatia com que ele me acolhia em sua casa, e a confiança inteira, que eu pude hypocritamente captar-lhe. Quando eu lhe disse que esperava um momento feliz de cevar o meu rancor no sangue do conde de Oeiras, o general, que fora valente sob as ordens de Lippe, mas que não era capaz de desafrontar-se, face a face, das afrontas que lhe fizera Pombal nos salões do Paço, abraçou-me freneticamente, exclamando: — Amigo para a vida e para a morte!

Nesse ano, era em 1777, morreu D. José. A notícia desta desejada morte implicava a queda do valido. O conde delirou de contentamento, e mais ainda quando D. Maria o chamou a assistir à sua aclamação, na qualidade de gentil-homem da sua real câmara, para que fora nomeado.

O general partiu para Lisboa. A sua paixão única era aquela. Realizavam-se-lhe os sonhos ambiciosos, esqueceu as insignificâncias do amor que o rodeavam, olharia para a mulher como um empecilho ridículo, se lhe dissessem que a levasse consigo.

Foi D. Silvina despediu-se de seu marido com azedume, que ele não conheceu. Doeuse da desconsideração, sem propósito, natural à rudeza do soldado ambicioso, e julgou-se ultrajada na sua vaidade.

Eu adivinhei-a. Felicitei-me de um triunfo e desabafei o desespero, que acabara por pintar-me aquela mulher invencível.

A condessa sabia... sabia de mais... que eu a adorava... Lutara contra o coração, contrariara-o nos impulsos, que a deviam finalmente... perder. Viu-me sofrer na humildade... sofrer do-me até de sofrer por tal mulher... Mas era fraca... sê-lo-á sempre toda a mulher que combate dois poderosos inimigos... inimigos, sim, a indiferença do marido, o cansaço imprevidente da posse, os extremos do estranho, e o carinho mais fervoroso do desejo. Fossem elas virtuosas até ao martírio... renegariam, se lhe não fechassem as avenidas à tentação do amante... Renegariam, despojando-se das glórias do seu orgulho estéril; da sua consciência, pura sim, mas incapaz de sanar as feridas da vaidade... Sucumbem todas... Sucumbem, padre Dinis, quando a paciência do amante se aproveita das impaciências do marido... Era assim o mundo, é, e sê-lo-á sempre... Serão todas como aquela, quando uma verdadeira paixão, fértil de recursos, as inquietar na sua tranquilidade sem-sabor, naquela sua íntima ambição de viver com um outro homem, que lhes saiba colher as flores da alma, e não as aprecie somente pelas formas exteriores...

humor de suas cartas. O que ele não podia sofrer era o *improber* inglês, as minúcias rabugentas dos mestres de gravata branca, casaca pontiaguda, e calça a meia-canela. Obrigavam-no a sentar-se com as pernas perpendiculares, e o pescoço a prumo. Pedro da Silva, pelos modos, queria cruzar uma perna sobre a outra, e dar ao pescoço todos os giros que a próspera natureza planizara quando deu às vértebras cervicais o movimento. Mandavam-no comer, direito e retesado, um palmo afastado da mesa, de modo que uma linha perpendicular tirada da ponta do nariz caísse sobre os dois joelhos hermeticamente chegados, como os do aprendiz do sapateiro que não pode com o rebolo. Mandavam-no, finalmente, falar pouco, e esse pouco obrigavam-no a falar com a garganta, penoso arbítrio que D. Pedro da Silva cumpriria facilmente se metesse na goela uma espinha de peixe, condição necessária para falar o inglês sem auxílio de mestre.

Estas e muitas outras razões alegava o colegial nas suas cartas a padre Dinis. As escritas a sua mãe eram muito poucas. A condessa de Santa Bárbara nas cartas a seu filho, em estilo ascético, revelava uma transfiguração moral, que, graças ao frade franciscano, também desfigurava os sentimentos exaltados que lhe vimos por seu filho. Metade da sua alma tinham-lha fanatizado: a outra metade, votada para o mundo, era de padre Dinis.

Pedro da Silva, porém, não compreendia semelhantes distinções. Retirando de Portugal, o ressentimento ia com ele. Sua mãe, pelo facto de ser virtuosa viúva do conde de Santa Bárbara, não a julgou ele obrigada ao sacrifício dos deveres contraídos com seu pai antes de ser esposa do algóz, que só à beira do túmulo fora honrado.

Se o mancebo tinha razão, não o diremos nós. A questão é toda moral. Que a resolvam os moralistas como devia de ser aquele austero capucho, de cuja instrução duvidava padre Dinis.

Do que fica dito não se deduza que Pedro da Silva era uma alma banal, fútil, e neciamente folgazã. Do contrário queixavam-se os mestres e os discípulos. Aos dezesseis anos, os próprios ingleses, que parece monopolizarem o enojo melancólico, admiravam-lhe a habitual concentração, o amor do ermo, a rudeza do trato, e o fastio com que olhava os divertimentos dos colegas.

A hora da aula, procuravam-o no quarto para o repreenderem, e encontravam-no absorvido em meditações impróprias

da sua idade. Perguntando-lhe se queria voltar à pátria, respondia que não; se queria sair do colégio, que não; se lhe desagradava a ciência, que não; se tinha alguma cousa a pedir, que o deixassem.

Note-se, todavia, que a ciência não podia ser-lhe dissaborosa, porque em boa verdade era manjar que ele não tinha provado em Inglaterra.

De livros ingleses devorara todas as novelas de Ana Radcliffe, e traduzira os *Mistérios de Udolfo*, que lhe merecera, entre todos, uma predilecta preferência.

De resto, não lia nada útil, nem abria as páginas dos livros da aula. Pedro da Silva era poeta. As extemporâneas melancólicas, que o indispunham contra a sociedade frívola que o rodeava, e contra os estudos indigestos dos primeiros anos, eram a incubação do estro, o doloroso parto da primeira poesia, que nasceu balbuciante ao pé de uma flor. Avarento dos seus primeiros sonhos metrificadas, ninguém lhos conheceu, ninguém lhos entenderia, porque, três anos depois, o próprio poeta não pôde conceber o estado de sua alma quando os escrevera. Era o amor? a saudade? a esperança? Era tudo, sentido no mundo interior do moço aos dezesseis anos, e exprimido pela palavra nublada, que depois se esquece, como palavras que nos foram ditas por uma fada em um sonho venturoso.

Não idealizemos muito, que o tempo não vai para isso. Materialmente, não há nada inexplicável; todos entendem. Subtilezas de espírito, deixemo-las a cargo de cada um que sentir em si o éter expansivo dos arroubamentos.

A última carta que recebera de padre Dinis anunciava-lhe a morte de sua mãe, ocultos quase todos os pormenores do último quadro dessa tragédia.

O filho da condessa de Santa Bárbara reconcentrou-se, chorou raras lágrimas, pensou longos dias e noites intermináveis; pediu, alegando as razões que tinha, dispensa das obrigações de colegial, e inspirou recio aos mestres.

O director, que continuava a receber regularmente tudo que era preciso para o seu aluno, doía-lhe na honrada consciência a despesa infrutuosa do colegial, e dirigiu-se à pessoa que em Londres curava da sua educação. Disseram-lhe que em Lisboa já não existia a pessoa com quem se entendia; mas que, por via de uma outra, continuava a receber reiteradas recomendações para que Pedro da Silva não sentisse a mais ligeira falta,

nem as contrariedades que era costume opor aos moços educados em Inglaterra. Estas recomendações vinham da casa Salema & C.^a, até certo tempo; depois, falecido Salema, e extinta a sua casa comercial, as ordens vinham de um particular.

O leitor recorda-se de ter sido entregue a Alberto de Magalhães o património do filho da condessa, quarenta contos de réis, que o padre recebera da mão daquele que, quinze anos antes, recebera quarenta peças, preço do neto do marquês de Montezelos, da mão do padre, na quinta das Alcáçovas.

Alberto, conservando o segredo que pedira energicamente ao cigano Sabino Cabra, transfigurado em padre Dinis Ramalho, encarregara o seu amigo Campos Salema de fazer vigiar em Londres os menores desejos do filho de Ângela de Lima. Salema, porém, morrera passados meses; e os encargos acerca de D. Pedro da Silva passaram para um nome suposto, visto que Alberto, de modo nenhum, queria figurar neste negócio, qualquer que fosse a sua maneira de ver as cousas.

Mr. Hunt, honrado director do colégio, dois anos depois que recebera o aluno, e tão pouco aproveitado o tempo via, fez saber para Lisboa que, além de despesas inúteis, a saúde do discípulo era cada vez mais débil, e a idade perigosa, especialmente nos nevoeiros de Londres. O correspondente português mandou que D. Pedro da Silva fosse transferido para Paris, se o quisesse. Decerto, queria. Recebeu a boa nova com sobresalto, e instalou-se em Paris, não em colégio, mas entregue aos cuidados de uma família que vendia muito caros os seus cuidados, mas enfim cuidava de inventar carinhos novos para ajuntar à mensalidade novas libras.

D. Pedro vivia em Paris, menos ocioso e meditativo. Frequentava um curso de Belas-Letras. Mudara de paladar intelectual. Detestava Radcliffe, sua literatura favorita de dois anos antes; entusiasmava-se com Lamartine, e via tudo colorido do melancólico azul do poeta das *Meditações*. O lirismo trazia-o por aéreas regiões. A ansiedade precoce de um amor indefinido convidava-o a provar o pomo, cujo sabor espiritual as endeixas da época disputavam ao materialismo da escola que expirou, quando as estrofes de Lamartine, bebidas na prosa de Chateaubriand, poetizaram a dor como um adorno das almas privilegiadas.

O nosso mancebo estava francês, em toda a extensão da palavra. Em redor tumultuava-lhe uma sociedade, rica de encontros tesouros, que lhe excitavam o coração mais apaixonado

que curioso. Balzac desflorava-lhe muitas ilusões, e Pedro da Silva detestava Balzac. Por esse tempo Gautier publicava as *Obras Humorísticas*, e não esteve longe de ser desafiado pelo cãndido colegial de Londres. O que ele queria era ser homem, quinhoar do fel e do maná, que trasbordava nos romances e na poesia, sua predilecta. Queria, enfim, vazar-se nos grandes moldes que fantasiara na imaginação escandecida.

Aos dezenove anos era-lhe insuportável a obscuridade. As portas do *grande mundo* estavam-lhe fechadas. No tumultuar dos salões do bairro *Saint-Germain* não ciciavam os murmúrios apaixonados da sua alma atormentada pela sede daqueles gozos.

Estes desejos manifestou-os à família com quem vivia, e poucos dias depois saíam de Lisboa cartas, que serviriam de apresentação de Pedro da Silva às notabilidades da aristocracia de sangue e de dinheiro. Não era só isto. O jovem, perplexo da felicidade que não ousara prever tão cedo realizada, era possuidor de um carro, dois cavalos, dois lacaios, e o luxo correspondente.

A sua entrada no ambicionado éden não encontrou o anjo do gládio ardente a estorvar-lhe o passo. Foi bem recebido, e bem aconselhado. Os mancebos, mais velhos poucos anos, diziam-lhe que era necessário desembaraçar-se. As damas davam-lhe camélias e jasmims para assunto de ligeiras poesias, que o acanhado moço não lia, mas entregava com a mão trémula, e o pejo de noviço no rosto.

O bando dos arruinados no corpo, na alma, e na fortuna, rodeavam-no, mas quase nunca o encontravam só para o iniciarem liberalmente nos mistérios da seita. A sombra de Pedro da Silva era um velho fidalgo, que lhe não tolhia o gozo, do que era legítimo gozo, e media-lhe a polegadas o profundo abismo que o ameaçava por debaixo de um alcatifado de flores.

O mancebo foi dócil, enquanto a obediência não era sacrifício. O que devia, decidiu-lo não eram os conselhos paternos do velho ministro de Luís XVIII; mas o coração, motor despótico de todas as molas da máquina humana, esse sim.

Na Primavera de 1837, D. Pedro da Silva acompanhou o seu mentor aos subúrbios de Angoulême, onde o visconde de Armagnac costumava passar o Estio em uma quinta. O mancebo, ainda poeta de coração, almejava as flores, o matiz verde dos campos, a linfa cristalina dos regatos, a borboleta namorada

do botão esquivo do lírio, os horizontes, e o céu, e as brisas eternamente azuis de Lamartine.

Não foi, portanto, forçado para a província. O idílio, com o seu cortejo de faunos e dríades, acenava-lhe de lá com uma grinalda de rosmaninho e madressilva. Não se riam, leitores, da languidez do estilo: na mocidade sente-se isto; e, se não se lembram de o terem sentido, nem saudades lhe vêm de lá, podem ser excelentes pessoas, podem ter provado tudo que é bom para o corpo; mas o que não tiveram, nem já agora terão, é o paladar dos gozos da inteligência. Isto é por falar, melindrosos leitores. Eu creio piamente que todos sois, além de boas pessoas, mais ou menos poetas. Se me engano, não perdemos nada de parte a parte.

O filho de Ângela de Lima nada perdeu também, saindo de Paris.

A sociedade, vista de perto, parecera-lhe cousa muito diferente do que os romances lhe pintaram. Não vira heroínas nem heróis. Em toda a parte se comia, conversava, passeava, e dormia da maneira mais positiva e trivial que é possível. Os episódios estrondosos, poetizados por paixões devastadoras, não os presenciou, nem lhe constou que se dessem. Nos salões as damas frívolas falavam de vestidos, as preciosas questionavam o mérito literário das *Meditações* e das *Orientais*, com grande enfatuamento e prodigalidade de sandices ditas com muito espírito, que é o que as francesas têm de mais nobre todas, as hermafroditas do mundo moral. As velhas faziam trejeitos enjoados, a cada momento, estudados das novas. Os homens falavam em fundos, em Luís Filipe, em Henrique V, em Argel, e em outras muitas cousas que reduzem o poeta à condição de um ente nulo nos graves negócios da vida.

E por isso, Pedro da Silva começava a aborrecer-se de Paris, e da sua decantada sociedade, quando saiu para Angoulême. Verdade é que lhe não era indiferente a certeza de absoluta privação de sociedade na quinta do seu amigo, onde apenas alguns fidalgos circunvizinhos tomavam o chá do antigo ministro, e discutiam as necessidades do departamento até às dez horas, em que era um escândalo não estar na cama.

Qualquer que fosse a vida enfadonha a que se sacrificava por alguns meses, o poeta, aborrecido do rumor incessante de Paris, saudava a solidão, e esperava cantar todas as árvores da encosta, todas as luas cheias, todas as fontinhas suburbanas, e

até se prometia procurar em alguma parte as brisas azuis de Lamartine, brisas decerto exóticas em Paris, onde não as vira, com grande mágoa sua.

Instalado nos quase pardieiros feudais do seu amigo, Pedro da Silva recebeu uma impressão suavíssima como todas as melancolias que vêm da natureza ao coração, e não vêm do pesar do coração a vestir de luto a natureza que nos rodeia.

Ao romper da alva, no primeiro dia de residência na pitoresca aldeia, uma légua distante de Angoulême, o bardo ergueu-se, sôfrego de inspirações matutinas, abriu a sua janela, que dominava uma extensa ribeira, murada de castanheiros seculares; bebeu o ar puro daquele céu de azul, como todos os céus de Lamartine, acreditou nas brisas da mesma cor, e escreveu as primeiras linhas de uma ode, que devia servir de prefácio às suas impressões quotidianas.

Em frente, no alto de uma colina, a um quarto de légua, viu Pedro da Silva um magnífico palácio, menos romântico que o castelo esboroadado, que parecia ter sido a primeira habitação do senhor feudal das imensas várzeas que se desenrolavam, aos pés do gigante de granito, como um tapete coberto de esmeraldas. — Quem viverá ali? — perguntava-se o anelante sonhador de romances, povoando o castelo de damas esquivas, rodeando a barbaca de trovadores suspirosos, e fazendo erguer a ponte levadiça que deixara sair o nobre senhor para alguma caçada, com o gerifalte em punho, e a matilha dos lebréus, açodada ao som da trompa indispensável.

Nestes êxtasis, que são a vida dos dezenove anos, veio encontrá-lo o hóspede.

— Que vos parece este panorama, Pedro?

— Encantador!

— Sentis a sacra flama, *mens divinius*? Poetizais? Tendes os *magna soniturum* do velho Horácio?

— Não se pode descrever este quadro; mas reconheço que se pode ser poeta com este céu, com este silêncio, com tudo isto que é superior a tudo que tenho lido... De quem é aquele palácio?

— Aquele palácio é de Madama Elisa de Montfort, duquesa de Cliton.

— Ouvi falar dessa senhora em Paris. Ela vive ali?

— Há ano e meio que dali não saiu.

— Pelo que vejo é romântica...

XX

A hora dada, a carruagem do marquês de Montezelos recebeu D. Pedro da Silva, e a do conde de Alvações tomara a dianteira para parar no lugar aprazado. Passaram em Campolide, e o filho de Ângela de Lima, quando avistou um palacete, não pôde reprimir duas lágrimas, que lhe tremiam nos olhos, e não foram despercebidas para o companheiro.

- Que tendes, Mr. d'Elbène?
 — Nada, Sr. Conde... Uma saudade...
 — De namorado?...
 — De filho...
 — Ah!... tendes mãe?
 — Já não tenho...
 — Lembraram-vos os seus carinhos? Tendes razão sobejá para chorar... Eu também chorei muito a minha...
 — E com efeito, vejo que chorais...
 — Agora é outra cousa... Esta casa fez-me lembrar uma infeliz senhora que aqui viveu...
 — Vossa irmã?
 — Devia sê-lo... foi a mulher por quem morreu um irmão que me aparece, há dezenove anos, em todos os instantes da minha vida... Vai aí adiante de nós o irmão dessa pobre vítima de um tirano, que se dizia pai... Eu dou a minha vida se elle se lembrou de sua irmã...
 — Parece que devíeis ser inimigos...
 — Como sabeis que devíamos ser inimigos?! — interpelou o conde, surpreendido da extraordinária penetração do suposto francês.

D. Pedro, que vira logo a inconveniência de semelhante reparo, tergiversou na resposta.

A carruagem do marquês de Montezelos parou a um tiro de bala distante do palacete da defunta condessa de Santa Bárbara. Há aí uma esplanada inculta, coberta de rosmaninho, rodeada de charnecas. Apearam-se.

Alberto de Magalhães veio cumprimentar os padrinhos de D. Pedro da Silva, que apresentaram Mr. Alfred d'Elbène aos padrinhos do seu adversário.

O filho de Ângela de Lima não denunciava o menor sintoma de pusilanimidade.

Alberto, mais pálido que ele, mediou-o com um destes olhares de ostentação, de piedade, ou de pasmo. Voltou-se, depois, para o marquês de Montezelos.

— Pergunte ao seu afillhado que arma quer.

— Seja qual for! — respondeu, obviando à pergunta de inútil formalidade, D. Pedro da Silva.

— Os franceses têm a primazia do florete entre todas as nações. Sr. Marquês, queira dar um florete a Mr. d'Elbène.

D. Pedro, com admirável impassibilidade, despiu o fraque, o colete, as luvas, recebeu o florete, e colocou-se em frente de Alberto, que se despia vagarosamente, como quem receia uma constipação.

— Parece que Alberto tem medo!... — segredou o conde ao ouvido do marquês.

— Também me parece!... Devia ser bonito, se o *petit-maitre* vinha a Portugal dar uma escovadela no *chevalier sans peur*, que atirou com D. Martinho de Almeida ao Tejo...

— Quando defendia vossa irmã de uma calúnia ultrajante à sua honra, Sr. Marquês!

O irmão da condessa encarou com azedume o conde. Aquellas palavras eram um buído sarcasmo, que o irmão de D. Pedro da Silva dardejava sobre o seu velho inimigo, sempre que podia.

Este diálogo mudo foi distraído pelo combate que principiava. D. Pedro atirava ao seu adversário alguns golpes mortais, que revelavam mais ódio que ciência na arma. Alberto desviou-lhos, recuando, e o mancebo alucinado, contando com o seu triunfo, avançava quanto o seu contendor recuava.

Próximo a um cômodo, que formava uma espécie de devêsa no campo, Alberto viu, de relance, que não podia recuar. A este

tempo, os padrinhos, de parte a parte, julgavam-no em grande desvantagem e perigo iminente.

— Agora recuareis vós, meu caro, senhor, que eu não posso recuar mais — disse Alberto com urbano sorriso, como quem diz um galanteio a uma dama.

D. Pedro, que até aqui fora agressor, sem talvez se lembrar, no entusiasmo da luta, que teria de ser agredido, foi forçado a recuar. Não obstante a prontidão dos botes, que o salvavam dos tiros mortais que, aparentemente, Alberto lhe fazia, D. Pedro da Silva sentiu a ponta do florete adversário rasgar-lhe o lado esquerdo da gravata. Os padrinhos, que supuseram ferido o moço, correram a suspender o combate.

— Não está ferido — disse Alberto.

— Decerto, não estou ferido — confirmou D. Pedro.

E continuaram o duelo. Outra vez o florete de Alberto procurou a gravata do fatigado emissário de Arthur de Montfort. Desta vez era o lado direito da gravata que sofreu o rasgão. Isto já não podia ser casual. Os cavalheiros confirmaram os antigos créditos de Alberto, um pouco duvidosos, e confessaram na sua consciência que Mr. Alfred d'Elbène podia ter morrido, pelo menos, duas vezes. D. Pedro perdeu a cabeça. O orgulho revoltou-se contra a generosidade. A defesa, que tão necessária lhe era, tornou-se em desatinada agressão. O seu florete convertêra-se em arma de assassino: tentava golpes traiçoeiros, baldados pela fria intrepidez do adversário; fitara-lhe o coração como o alvo a que visavam as últimas pontarias do ferro, sempre repellido. Era o ódio, a vergonha, ou a desesperação delirante acometendo com ímpetos inúteis uma estátua de bronze. Alberto de Magalhães, receando um acaso que fizesse ferir o filho de Ângela de Lima, fez-lhe saltar o florete fora das mãos, e colocou a ponta do seu sobre o pé, esperando a resolução dos padrinhos.

Estes, porém, intervieram, declarando impraticável a continuação da peleja com arma em que Alberto de Magalhães era incalculavelmente superior. Uma das testemunhas, por parte dele, declarou que Mr. Alfred d'Elbène não soubera afastar vinte golpes mortais, que o cavalheiro adversário generosamente renunciou. Dizia-se, pois, que prescindissem do florete, e que se batessem à pistola.

D. Pedro da Silva hesitou um momento na resposta. O coração mandava-o abraçar aquele homem: a cabeça reagia em nome do cavalheirismo, que é uma virtude particular nos duels,

para qual muitas misérias se nobilitam, e muitas sandices se decoram com os arminhos de uma honra de convenção.

Venceu a cabeça. D. Pedro disse que aceitava o alvitre da pistola. Alberto encarou-o com piedade, e a soberba do moço sentiu-se ultrajada, como anos antes, quando o seu companheiro sofreu o beijo nada macio de um cacto.

Os padrinhos carregavam as pistolas, quando Alberto de Magalhães pediu uma entrevista de alguns minutos com Mr. Alfred d'Elbène.

O suposto francês, sem consultar os árbitros da sua honra, que o não conheciam melhor que a sua nação, desviou-se com Alberto de Magalhães.

— Como nos vamos bater — disse Alberto — com uma arma em que as balas se não fazem resvalar para o chão como a ponta de um florete, é muito possível que um de nós caia morto. Entre nós, porém, há certos negócios que nos privam de morrer como dois irracionais.

— Certos negócios! — atalhou D. Pedro.

— E negócios que precisam de certas disposições testamentárias...

— Não o entendo, Sr. Magalhães.

— Eu vou fazer-me entender. Eu sou depositário de cem mil cruzados, que são o património de D. Pedro da Silva, filho de outro D. Pedro da Silva, e de D. Ângela de Lima. Padre Dinis Ramalho e Sousa encarregou-me da administração deste dinheiro.

— Ao senhor! — exclamou D. Pedro.

— A mim. Um incidente, qualquer que ele seja, colocou-nos na precisão de nos matarmos... Se eu morro, é necessário que V. Ex.^a saiba onde pára o seu património, porque ninguém saberia depois dizer quem era o seu tutor. Se V. Ex.^a morre, é necessário que me diga a aplicação que hei-de dar a tal dinheiro.

— Sr. Alberto... O que me diz é uma coisa que me perturba de modo que não sei o que lhe responda! Eu estou incapaz de responder!... Preciso que falemos mais largamente.

— Convenho... Em tal caso adieemos o duelo, não é assim?

— Se me não é desonroso...

— De modo nenhum.

Alberto de Magalhães dirigiu-se ao grupo das testemunhas:

— Meus amigos, Mr. d'Elbène acaba de aceitar-me algumas explicações, que desagravam por alguns dias os seus brios ofen-

didos. Há outras explicações a darem-se, e não podem ser aqui definitivamente determinadas as nossas respectivas posições. Se reis avisados do resultado, qualquer que ele seja. Por hoje, a vossa missão, nobremente desempenhada, termina aqui. Mr. Alfred d'Elbène, dai-me a honra de entrar na minha carruagem. Depositai em mim, e na vossa coragem, confiança ilimitada.

Apertaram-se as mãos, abraçaram os padrinhos, e partiram. Já na carruagem, disse Alberto:

— Quer entrar em minha casa, ou no seu hotel?

— É-me indiferente; o que eu necessito, e já, é que me explique, Sr. Magalhães, a importância que me vejo obrigado a confessar que V. Ex.^a tem na minha vida.

— É isso justamente que eu lhe não explico, Sr. D. Pedro.

— Porquê? Devo acreditar a necessidade desse mistério?

— Deve, se não acreditar a necessidade, ao menos resignar-se a ignorá-lo...

— V. Ex.^a tem sido o administrador do meu património?

— Já lhe disse que sim.

— O correspondente que me faz dar em Paris as minhas mesadas?

— É a obrigação que me foi imposta por padre Dinis.

— Onde está padre Dinis?

— Nas missões.

— V. Ex.^a conheceu minha mãe?

— Perfeitamente.

— E a mim?

— Conheço-o desde que nasceu. Se tivesse reminiscências da primeira pessoa que viu neste mundo, lembrava-se de me ter visto a mim.

— Que confusão! E quem era o senhor?

— Este homem que hoje vê, com vinte anos de menos.

— Isso não é resposta... Quem era V. Ex.^a; que estava assim tão perto de minha mãe, quando nasci?

— Não respondo à sua pergunta.

— Conheceu meu pai?

— Muito bem... — respondeu com menos frieza, Alberto.

— Morreu, não é verdade?

— Há dezenove anos...

— Eu já o vi alguma vez, não é assim?

— A mim? Viu há cinco anos...

— Em casa de padre Dinis, nas vésperas da minha partida para Inglaterra.

— Não se esqueceu... cuidei o contrário...

— Suspeitei, quando hoje o vi; mas pensei que era impossível a coincidência... Tenho mil perguntas a fazer-lhe, e não sei o que deva perguntar-lhe...

— Organize melhor as suas ideias, que temos muito tempo.

— Eu é que não posso espaçar esta situação penosa... Queira dizer-me... V. Ex.^a matou em duelo Mr. Arthur de Montfort?

— Não, senhor.

— Como não?!

— Eu nunca tive duelos. Mr. Arthur de Montfort disparou-me uma pistola à queima-roupa, e feriu-me. Eu estava desarmado, apertei-lhe com as mãos a garganta, e dei-lhe o desgosto de o não deixar respirar.

— Matou-o por consequência...

— Por consequência de falta de respiração. Depois desse facto é que o Sr. D. Pedro da Silva se relacionou com o espectro do seu amigo, não é verdade?

— Eu não conheço o espectro do meu amigo. Lembro-lhe, senhor, que é importuna a zombaria da pergunta.

— Quer que falemos com seriedade?

— Decerto...

— Pois sim; falemos com seriedade. Quem o mandou a Portugal pedir-me contas por tal sucesso?

— Ninguém... vim espontaneamente.

— Acredito-o, Sr. D. Pedro da Silva; mas coloca-me na dolorosa precisão de perguntar-lhe se quer fazer ressuscitar a cavalaria andante. Acho extravagante a sua comissão. Que vínculos o prendem a um homem que não conheceu? Que vantagens espera, se conseguir matar um homem que não conhece? Responda, Sr. D. Pedro da Silva!

— Há cousas de muito melindre...

— Franqueza... V. Ex.^a é o amante da duquesa de Cliton... Temos dito tudo...

— Sou amigo da duquesa de Cliton, não me envergonho de o confessar.

— Nem vergonha nem glória. A duquesa de Cliton é como outras muitas mulheres: não acredita nem desacredita.

— Depois que V. Ex.^a a desacreditou?

— Já antes...

— Isso é falso... A duquesa de Cliton foi esposa e viúva exemplar. Quem a infamou foi Leopoldo Saavedra.

— Tire todo o partido dos seus dezenove anos, Sr. D. Pedro... Bem vê que sou tolerantíssimo... Mas não brinquemos com palavras que significam insultos... A duquesa de Cliton, se V. Ex.^a quer, foi uma virtuosa senhora até ao momento em que encontrou Leopoldo Saavedra; mas Leopoldo Saavedra não tem glória nenhuma de ter vencido as virtuosas resistências dessa esposa e viúva exemplar. Se há alguma cousa a que deva atribuir-se esse triunfo, é aos oitenta mil francos de Leopoldo Saavedra...

— Que diz, senhor?!

— Não me compreendeu?

— Penso que ouvi dizer que a duquesa se vendeu por oitenta mil francos...

— Justamente.

— Explique-se, Sr. Alberto de Magalhães! mas pela sua honra, não zombe de mim com semelhante ultraje.

— Que me explique?! Pois fui obscuro?

— Sim... não concebo a maneira como foi dado esse dinheiro.

— Da maneira mais simples. Escrevi-lhe uma carta oferecendo-lho, e ela respondeu-me com outra aceitando-mo.

— Com a condição...

— Sim, com a condição de se entregar lealmente ao seu comprador.

— Quero uma prova, Sr. Alberto!

— Só posso dar-lhe meia prova, a outra metade que lhe dá ela. A minha está aqui.

Alberto abria uma carta, que D. Pedro lia sofregamente. Era a resposta que anuía à proposta de Leopoldo Saavedra, em poucas palavras: *Sim, hoje às duas horas da noite.*

— Isso não prova a infâmia — disse D. Pedro. — Não se fala aqui em dinheiro.

— Ah! não? Então será nesta...

Era uma longa carta, em que a duquesa de Cliton, referindo-se ao dinheiro que recebera e restituíra vinte e quatro horas depois, reputava desvanecida na sua consciência de mulher a nódoa aviltante de semelhante contrato.

D. Pedro da Silva, lida a carta, fixou Alberto com a penetração de um demente, tremiam-lhe os lábios brancos, vibravam-lhe em todo o corpo calefrios do terror, e o coração con-

frangido batia-lhe no peito em ímpetos, que o pobre moço acreditou que deviam fulminá-lo ali.

Alberto de Magalhães condeou-se desta situação, e repreendeu-se de exacerbá-la tanto.

— Sr. D. Pedro — disse ele —, a sociedade tem muitas pútuas assim. É a primeira que lhe vê? Tenha coragem... não sucumba... É pena que seja este o primeiro desmentido à sua inocência, porque é forte de mais para um coração moço... Estas torpezas é melhor lê-las nos romances, é melhor duvidar que possam dar-se, que experimentá-las sem as ter imaginado. Eu sabia que V. Ex.^a devia succumbir... sabia-o, porque eu mesmo, homem do mundo que lera e experimentara todas as ignomínias, pasmei da corrupção da mulher que me ouviu com fastio nas salas, que me desprezou a fácil oferta do coração, e aceitou a mais fácil ainda do dinheiro..!

— Sr. Alberto... por piedade peço silêncio... Tenha a bondade de fazer parar a carruagem, que preciso sair... não estou bem aqui...

— A carruagem vai por instantes parar à minha porta. V. Ex.^a há-de aceitar a minha casa... é a do único amigo que tem no mundo... Vai conhecer uma mulher que foi íntima amiga de sua mãe... Falaremos muito de sua mãe, de D. Antónia, e de padre Dinis... Vai ouvir a história da estranha missão que esta gente veio cumprir sobre a terra... Habitue-se a ouvir o som das minhas palavras, porque não há ainda vinte e quatro horas que eu dizia a minha mulher que V. Ex.^a era uma pessoa de minha família. E minha mulher era profeta quando me disse que o filho da condessa de Santa Bárbara tinha muita liberdade e poucos anos... Não se enganou... Arrependo-me de lhe ter feito a vontade, Sr. D. Pedro...

— De me ter feito a vontade?

— Sim... Eu não devia conceder-lhe a sua vinda de Londres para Paris... A moderna Babilónia devia perdê-lo...

— Pois é V. Ex.^a quem me governa?

— Indirectamente... Os seus passos têm sido sancionados por mim... Eu sabia que V. Ex.^a saíra de Paris; mas o dinheiro que sacara, quinze mil francos, fez-me crer que a sua viagem era curta... Tudo isto parece-lhe uma cousa extraordinária, não é assim?

— Um sonho... atroz!...

— Hei-de melhorar-lhe a sua situação, D. Pedro... Confie

seu passado? Porque não olharei hoje o meu futuro sem estre-
meccer?

Esta última interrogação era a que Alberto se fazia apenas
a consciência o chamava a um tormentoso diálogo. Encontra-
vam-se aquelas duas almas, e os olhos fixavam-se como pedin-
do-se coragem mutuamente. O corsário, para iludir os seus te-
nores, censurava-se na sua pueril superstição. Eugénia, para
convencer-se de que tinha um amparo, lançava-se, com um
sorriso de fingido ânimo, nos braços do marido, menos forte
que ela.

— É tão bom ter um amigo!... — murmurava ela, acolhen-
do-se, como assustada, para bem perto do coração de Alberto,
que lhe passava a mão sobre os cabelos como quem amima
uma criança.

— E um amigo, demais a mais esposo... — continuou ele,
sorrindo.

— Demais a mais!... pois não é tão natural o vínculo que
prende o esposo ao amigo?

— Natural?... não... A amizade é alguma cousa muito dis-
tinta do amor. Vês como é sereno este mar? Não há aqui a tem-
pestade de há pouco, a revolta dos elementos que nos causou
sensações violentas: vês tão quieto, tão monótono, mas, ao mesmo
tempo, tão suave este mar? A amizade é assim. O amor é a
tormenta que impressiona, mas que fatiga; é o grande facho
de luz que alumia, mas queima.

— Dizes a verdade, meu anjo... creio que é assim... És,
pois, meu amigo? mais que um irmão? mais que um marido?
companheiro inseparável de toda a minha vida? sempre o anjo
que me diz que eu nunca me fiz indigna do teu amor? Deixa-me
chorar, Alberto!... Sinto tanta precisão de chorar!... Nunca
senti aliviar-se-me tanto o coração como agora! É o céu que
se vai abrindo na minha alma... Que imensa claridade, filho!
Ai! como se sente no mar!... Deviam vir aqui todas as pessoas
infelizes... Criaria Deus esta amplidão para o desafogo das almas
apertadas na angústia do mundo... Oh! Alberto! eu não sei
que toque sublime me fere o coração!... Nunca fui tão digna
de ti... Abraça-me, anjo!... Sê criança comigo!... Se não podes
chorar de alegria, diz-me que és feliz!

— Queres que eu to diga, Eugénia? Tu não tens a face en-
costada ao meu coração?... não o sentes?... Achas que ele pode-
ria palpitar assim sem uma impressão de grande júbilo ou de

XXIV

O piloto enganara-se. Seguiu-se um dia delicioso. A escuna
velejava, soberba de si, nas solidões sem horizonte, como
a rainha dos mares. A felicidade ia-lhe no seio. Os minutos que
decorriam, não os anuviava a tristeza. Eram límpidos como o
céu, serenos como a superfície do mar, claros e luminosos como
a prata das ondas em que a Lua se revia. Até alta hora, Eugénia
embebidá na intimidade dos seus gozos, saboreava uma ventura
só sua, egoísta, sem ter de comunicá-la a seu marido, que a
sentia deliciosa como ela, e livre de atender à sociedade frívola,
que tantas vezes lha perturbara.

Eugénia fugia com o pensamento do passado. Aprazia-lhe
a imagem de Ângela de Lima; e, contudo, esta grata reminis-
cência custava-lhe sempre uma lágrima, e uma tortura nunca
desvanecida, pungente sempre com a mesma força. Era a ima-
gem do conde de Santa Bárbara, ponto negro que se alargava
até lhe escurecer as suas lúcidas saudades.

Fantasiava o que deveria ter sido Anacleto, e entristecia-se.
Corria a escala dos sofrimentos de sua mãe, e chorava. Con-
tava-se, minuto por minuto, a história da sua vida, e forcejava
por calar o pressentimento a ameaçá-la de um trágico fim.

— Porquê? — dizia ela. — Em que tenho eu sido má? Quando
fui infeliz, não foram os meus crimes uma necessidade da minha
servidão? Porquê terei eu de ser vítima como minha avó, e
minha mãe, e meu pai? Desde que fui arrancada ao meu abismo
pela mão superior de Alberto, não tenho eu sido uma mulher,
que quer valer aos seus irmãos, não se esquecendo nunca do

grande terror?! Bem to disse eu, Eugénia, que sentirias no mar uma existência nova... É que tu nasceste para tudo que é grande! As mulheres tremem no mar. O menor abalo nestas frágeis tábuas é a sepultura que se lhes abre aos pés! E tu, não! Viste a tempestade com o pasmo da maravilha, e o terror não descorou as rosas varonis da tua face! És a digna mulher deste homem, que adorcece ao rugido das tormentas, e acordou muitas vezes ao grito da tripulação que invocava o Deus dos aflitos! Abriga-te em mim, filha!... Se me visses morrer, julgar-me-ias um predestinado pela coragem...

— Se te visse morrer!... que pensamento, meu Deus!...

— Se me visses morrer, Eugénia, pensarias que a morte é o crepúsculo de uma deliciosa eternidade! Sabes tu qual é o pensamento que me vem sempre banhar o coração de alegria? É a morte contigo!... a certeza de que me não sobrevives...

— Não, meu querido Alberto, não te sobreviverei um instante! Eu to juro!

— Não jures, Eugénia... dispenso-te a formalidade... Sei que morrerás...

— Ainda bem, meu Deus! Vejo que entraste no fundo da minha alma...

— E tu?... vês a minha?

— Vejo, sim, vejo!... Morrerias também!

— Abençoada sejas, minha filha... Fizeste o que ninguém fez!... viste-me tal qual sou!... Eu não ambicionava tanto!

Pedi a Deus ou à fatalidade uma mulher para a vida, e não ousei suplicá-la para a morte...

— Não fales assim em morte, Alberto!

— Fala-se na morte, quando nos é cara a vida... Os desgraçados, esses é que procuram esquecê-la, porque a querem, porque precisam ampliá-la atrás de uma esperança que se realizará uma vez...

Correram rápidas as horas, porque as horas de Alberto e Eugénia corriam deliciosas. O mar sempre tranquilo, a luz sempre límpida, o coração sempre novo para os deleites da conversação íntima, conspirava tudo para desejar mais longa viagem. E depois, a esperança, a formosa fada vestida sempre de novas galas, estudando sempre novas seduções, acenava-lhes de longe, nos encantados jardins do Oriente, que Alberto descrevia

com o vívido entusiasmo do homem, poeta pelo amor. Eugénia ia arrastada pelo som daquela voz, voz única nas solidões do oceano, voz de um anjo que a fazia levantar os olhos lacrimosos para o céu, em gratidão de tanta ventura.

Ao sexto dia de viagem descobriram Southampton...

Nascera o Sol, orlado de franjas purpurinas. Subira, e deixara em baixo nos horizontes um cinto escarlata, que pouco a pouco desmaiou, até se converter em névoa densa, que veio rolando, à superfície das águas, até esconder aos olhos do vigilante piloto o canal de Inglaterra.

Depois, uma lufada de vento noroeste estremeceu nas velas. O capitão, como estranhando o sucesso, franziu a testa, e chamou a tripulação a postos.

— Esperem as ordens — disse ele, e trocou algumas palavras rápidas com Alberto de Magalhães, que passeava na tolda.

Uma segunda lufada, precursora do tufão, encontrou a manruja, obedecendo às ordens do capitão:

— Arria velas!

— E os mastaréis do joanete e de gávea! — acrescentou Alberto, ao ouvido do capitão.

A manobra foi rápida, e o tufão impetuoso passou nas gáveas como um grito de demónio enraivecido por não ter podido surpreender a vítima.

A neblina era cada vez mais densa. O leme foi confiado ao piloto, que não desviava os olhos da agulha. O mar cavado estalava na quilha da proa. A escuna balouçava-se desencontradamente, e as amarras, rolando no tombadilho, aterravam as criadas de Eugénia, que se julgavam moribundas à cada balanço.

Alberto de Magalhães descera à câmara, onde encontrou sua mulher, com as mãos erguidas diante da imagem da Senhora, que sua mãe lhe dera. Interrompida na sua oração pela mão de Alberto, que lhe tocava no ombro, Eugénia respondeu-lhe com um sorriso angélico.

— Estás orando, minha amiga? Que pedes à tua imagem predilecta?

Peço-lhe a tua felicidade, meu querido amigo. Hei-de ser ouvida, porque peço com muita devoção... Queres que eu vá contigo lá acima?

— Não...

— Há perigo?

— Nenhum... Perguntas-me se há perigo com o ânimo tão quieto!...

— Eu não tenho medo, Alberto... Nenhum medo... Quando esteja arriscada a minha vida e a tua, sabes o que me faz pena? São estas pobres criadas, que me cortam o coração com as suas lamúrias... Coitadinhas!... Todas três deixaram mães e irmãos, e gostam da vida, sem saber que a verdadeira felicidade nem elas a conheceram ainda... Olha, Alberto... Desde que fizeste comigo o contrato de morrermos juntos, não tenho à vida o apego que faz recear a morte... Aposto que tenho mais coragem que tu?

— Parece-me que sim... Este balanço incomoda-te?

— Não, filho... Eu sinto-me boa... não me incomoda senão a tua inquietação... Que tens? Parece que tens os ouvidos mais atentos às vozes do capitão...

— Não, Eugénia... É porque me soam bem estas palavras, que só se ouvem no mar.

Neste momento bradara o capitão:

— Talinga os viradores.

— Talinga os viradores! — murmurou Alberto.

— Que é? — disse Eugénia, reparando no enleio com que seu marido repetira as palavras da manobra.

— Eu vou à tolda, Eugénia... Não te inquietes.

— Eu queria ir contigo.

— Agora, não... Esta tempestade não é poética como a

outra... Fica, minha filha, que eu venho já...

Alberto recebeu um beijo de sua mulher e subiu. A face,

onde ela imprimira os lábios, levava uma lágrima. O homem

de ferro, quando a sentiu, levou as mãos à testa, e murmurou:

«Não o permitais, meu Deus!...»

As criadas afitas rodearam Eugénia, perguntando-lhe se es-

tavam em perigo.

— Ora! comigo, para que o Senhor nos proteja!

Esta resposta exacerbou o terror das criadas. Romperam em

um choro que Eugénia não podia calar com as suas consolações.

A pobre senhora principiava a enfraquecer, quando Alberto

voltou.

Eugénia acabava de ouvir duas palavras que lhe gelaram a

suposta coragem. Estas palavras foram seguidas por um *psiu*

prolongado, que seu marido dera no topo da escada que descia

para a câmara. Que palavras horríveis foram essas?

— *Vamos a pique!*

— Vamos a pique, Alberto? — exclamou ela, lançando-se-lhe nos braços.

— Esperança, Eugénia — disse ele com impostora tranquillidade.

É a procela mugia. Algumas vezes o portaló descera ao nível da água. Os mastros rangiam, e as juntas da escuna, impedida de vaga a vaga, respondiam estalando ao bramido da tempestade.

Alberto, desenlaçando-se dos braços trémulos de Eugénia, para a qual as palavras animadoras não bastavam já, subiu acima impetuosamente, e, quando cruzava os braços contemplando as chusmas de homens, que viravam o cabrestante sobre a âncora, ouviu um estalo, e empalideceu: era o mastaréu de gurupés que se partira.

— Espia ferro — bradou Alberto.

— Espia ferro — bradou mais alto o capitão.

E esperou. O mastro da ré parecia saltar fora do encravadoiro. Um marujo segredou ao ouvido do capitão que havia rombo à ré.

— Os arpés não mordem terra! — bradou o piloto.

— Então, como vamos a pique? — perguntou Alberto com azedume.

— As unhas da âncora garram, porque não há pedras, é tudo laje — respondeu o piloto.

— Mande cortar os mastros, capitão — disse Alberto, e desceu à câmara, onde encontrou sua mulher chorando, e amparando uma criada que desmaiara.

— Recolham-se... — disse Alberto, tomando nos braços a criada desfalecida, que levou ao seu beliche. — Ouve-me, Eugénia...

— Vais dizer-me que morremos, Alberto?

— Não... Vou dizer-te que é preciso vivermos. Quero toda a tua coragem, e, se não a tens, recebe-a de mim.

— Sim, sim, quero que nos salvemos... que hei-de eu fazer?

— O navio está perdido... perto de nós está a costa... Em poucos minutos estaremos salvos.

— Sim?... Então que temes?

— Temo que enfraqueças...

— Não temas, Alberto; mas não me deixes sem ti um instante...

— Vamos entrar na lancha... Eu e tu, entendes?... Vamos sós... pode ser que a lancha seja absorvida; nesse caso... repara bem... logo que eu te disser *abraça-me*, hás-de cingir-me deste modo... pela cintura... não me prives os braços... mas segura-te com toda a tua força... compreendeste-me, Eugénia?

— Sim... e esse abraço... talvez seja o último... Oh! Alberto... agora me disse o coração que vamos morrer!... Oh! meu filho, que tão pouco durou a nossa felicidade!... Ai, meu Deus, que morte tão aflita vai ser a nossa!...

— Silêncio, Eugénia... É necessário que sejas egoísta da vida, neste momento... Se choras assim, essas mulheres não te deixarão sair daqui... Sobes comigo... depressa...

— Olha lá esse leme! — gritou o capitão.

— Saltou fora! — respondeu o piloto.

— Depressa! — repetiu Alberto.

— Ajuda-me a subir, que eu não tenho forças... — murmurou Eugénia, abraçando-se-lhe ao pescoço.

— Desatraca a lancha! — bradou Alberto.

— Perdeu-se! — respondeu o capitão.

— Perdeu-se!? — tornou Alberto, com aflicção.

— Quebrou a amarra!

— Oh! meu Deus! — exclamou Eugénia, quando viu o mar proceloso, o navio desarvorado, a palidez da morte em todas as faces, e alguns marujos, que se lançavam ao mar, enquanto outros, abraçados aos mastros partidos, que escorregavam do tombadilho, redopiavam no marulho das ondas. Alberto conduziu sua mulher à proa, tomou-lhe a face sobre o peito, e murmurou:

— Esperemos!

— O quê?... a morte?

— E se for a morte?

— Bem-vinda seja!

— Isso é coragem ou resignação, minha filha?

— Resignação... Eu sou fraca, meu anjo! Deus, Nosso Senhor, nos salve; e, a não nos salvar, que nos perdoe!... Minha mãe, suplica ao Senhor por nós... Ângela, minha querida amiga, foste uma santa, pede a Maria Santíssima que nos não deixe morrer assim... Alberto, pede também a Deus!... ergue as mãos comigo...

— Já pedi... e verás que nos salva... Eugénia!... Confiança em mim e em Deus!...

— Sim, sim... eu tenho toda a confiança... vamo-nos salvar...

— Lembras-te das tuas palavras nos Pisões?

— Sim... *Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui*

descansa-se no seio da morte... Bem hajas tu, que mas lembraste...

— Capitão! — bradou Alberto.

— O capitão lançou-se ao mar — respondeu um marujo.

— E vós porque o não imitais, rapazes?

— Os que restam são dez dos vossos antigos soldados... não

nos conheceis?

— Conheço... Salvai-vos!

— Os vossos antigos soldados morrerão ao pé de vós.

Neste momento a ré da escuna era submergida. Alberto es-

corregara com sua mulher nos braços e apegara-se dificultosa-

mente ao estibordo.

— Rapazes! vede se salvais essas mulheres que estão na

câmara... Se o conseguirdes, nunca mais lutareis com as tem-

pestades... Eugénia... cinge-me pela cintura... assim... muito

ânimo... nunca mais nos separaremos...

Os dois corpos caíram no mar...

Que tenho eu com Alberto de Magalhães? Que ascendente quer este homem empregar sobre mim?... Eu sei que podia ser feliz... Posso e quero sê-lo... Se me suicido, a sociedade inscreverá o meu nome no catálogo dos doudos ou dos covardes! Ainda ontem um lorde se suicidou, e os seus amigos o mais que fizeram foi concordar em que todo o homem tinha direito a retirar-se do lugar em que se não sentia bem... Mas eu quero que alguém me lamente... Sou só no mundo... não terei uma lágrima... Elisa deve detestar-me, e eu... meu Deus... vós sabeis que aquela mulher é necessária à minha vida!... Vergonha!... Será forçoso que a minha alma se nutra de torpezas!

Did. 26

Não me venço! Isto é um destino!... A reacção custa-me a vida!... Falham-me todas as tentativas!... Não há recurso que eu não tenha sonhado!... Nem o jogo, nem a devassidão, nem a embriaguez... Ela sempre a meu lado!... Esta dor embrutece-me!... Há seis dias que procuro explicar-me o estado da minha alma, e não posso. Eu devo amá-la muito! Aquela mulher é um anjo infamado! Só terei descanso quando ela me perdoar! Porque a não ouvi eu? Porque me humilhei aos preceitos desse homem que detesto? Foi ele que me ensinou aquelas malditas palavras, que a mataram!... Foi ele... um estranho... um infame generoso, que me envenenou uma vida inteira!... Não sou eu um homem!... Se o coração me impele para aquela mulher, porque não hei-de eu buscar a minha felicidade, embora tenha de descer a um abismo de impudência?... Quantos homens, ainda hoje, dariam a vida por um sorriso de Elisa!... E todos ignoram essa fatalidade da sua vida... Se o coração lhe perdoa, porque não há-de perdoar-lhe a consciência!.....

No dia 27, D. Pedro da Silva passara para França. De Paris escrevera ao visconde de Armagnac, e não teve resposta. Esta carta devia ser uma tocante exposição da sua alma, e uma súplica de conforto para não ceder, sem vergonha, a uma paixão que se debatia com o pundonor. Escreveu segunda. Nesta devia ser mais viva a expressão. Talvez implorasse a protecção do visconde. Talvez descesse às

extremas fraquezas de um moço, cuja alma não tinha ainda o tacto que a experiência ensina, e que muitas vezes a sociedade reputa acrisolada honra. Esta segunda carta não teve resposta.

Assim contrariado, e ofendido no seu brio, tocou o grau da desesperação. Foi ele próprio a Angoulême.

O visconde não existia já na sua quinta. Tinha partido no dia 20, com a duquesa de Cliton. Para onde? Ninguém lhe sabia dizer! O capelão de Cliton aconselhou D. Pedro que consultasse o médico, única pessoa, além do visconde, que entrara na intimidade da Sr.^a Duquesa. O filho de Ângela arrancou ao doutor uma difficil revelação. Elisa de Montfort partira para Inglaterra. As suas tenções eram exercer uma nobre vingança sobre o assassino da sua honra e de seu irmão.

D. Pedro da Silva tornou a Londres. Empregou todos os meios de espionagem, e não encontrou vestígios em Londres, onde a policia tem um pronto conhecimento do mais obscuro forasteiro, que transpôs as suas fronteiras.

No dia 8 devia Alberto chegar a Southampton. Estaria ali a duquesa? Esperaria ela, no desembarque, Alberto de Magalhães? Este varonil desforço pintava-lha na imaginação abraçada como um ente superior. Partiu para o canal de Inglaterra. Procurou-a. Nem o mais ligeiro indício! O ouro de D. Pedro não destruiu os milagres, que estava fazendo o ouro da duquesa de Cliton.

A situação do pupilo de Alberto de Magalhães era amargurada! O pobre moço, nas suas indagações, passava por doudo. A policia de Southampton chegou a ameaçá-lo de o prender, por se tornar incómodo com as suas misteriosas pesquisas.

No dia 10 de Outubro, oito dias depois que a escuna *Alcione* saíra de Lisboa, D. Pedro da Silva recebeu casualmente um jornal, que se entregava no seu hotel. Passava-o pelos olhos distraidamente; quando encontrou o seguinte:

«CATÁSTROFE»

Temos a lamentar o naufrágio da escuna portuguesa *Alcione*, que foi a pique, dez milhas distante deste porto. Transportava para Inglaterra o seu rico proprietário Alberto de Magalhães, e sua família. Um marujo da tripulação, com quem acabamos de falar, conta um extraordinário successo, que nós contaremos

simplesmente como ele nos foi contado pelo comovido marinheiro.

A escuna foi abandonada quando já não havia esperança alguma de salvação. O valoroso Alberto lançara-se ao mar com sua esposa, abraçada à cintura, e pedira a alguns marinheiros, que nunca o abandonaram, que salvassem as criadas.

O relator deste infausto sucesso lançou-se a nado a par com Alberto, que as ondas impeliam favoravelmente para a costa. O valente português muitas vezes exclamou a sua mulher que tivesse ânimo, porque estavam salvos. A infeliz senhora soltava gritos de terror a cada onda que parecia tragá-la, e à superfície da qual seu marido aparecia sempre abraçado com ela. O marinheiro, inseparável daquele grupo, digno de comover a piedade divina, empregava corajosos esforços em expor o seu corpo quase desfalecido ao choque das ondas. Uma destas arrojou-os impetuosamente a terra.

Alberto, estirado sobre a praia, quis desatar os braços de sua mulher, que lhe cingiam a cintura, e não pôde. Estavam hirtos, e inflexíveis como de ferro. Palpou-lhe o coração, que já não batia. Gelara-se-lhe o sangue... Chamou-a com desesperação... Tomou-a nos braços, comprimiu-a ao coração, como se o calor pudesse passar àquele peito inanimado... Estava morta!

Seguiu-se uma cena horrorosa! Alberto de Magalhães ajoelhou ao pé do cadáver de sua mulher... deu-lhe um beijo nos lábios... arrancou um punhal do bolso interior do colete, e cravou-o no peito, exclamando: «Eu não falto aos meus juramentos, Eugénia!»

O marinheiro, estupefacto, lançara tarde a mão ao punhal! O suicida estrebuchou alguns minutos, e expirou, levando aos lábios a mão de sua mulher!

O jornal continuava a descrição do naufrágio. Numerava as vítimas. Eram toda a tripulação, excepto cinco marujos, até ao momento em que a triste notícia era publicada no jornal.

D. Pedro não lera as últimas linhas. Aquilo parecia-lhe um sonho! Fixara os olhos no papel, que lhe tremia nas mãos, e ficara ali nessa situação indefinível do pasmó, da absorção, da morte passageira do espírito.

Neste momento abriu-se a porta da sala. D. Pedro maquinalmente olhou para ali, e viu... a duquesa de Cliton! Petrificou!

Atrevido de si, incapaz de consciência, ferido pelas duas comoções simultâneas, esperou que a duquesa viesse ao pé dele. Foi ela que veio. Trazia nos lábios um sorriso diabólico, e nos olhos o lume do rancor que a queimava por dentro. Tomou das mãos inertes do mancebo o jornal, apontou a palavra *catástrofe*, e disse, com voz tremida, mas enérgica e impossível de ser imitada por mulher:

— A vingança de Deus antecipou-se à minha! Alberto de Magalhães não contará as minhas infâmias a outro homem! O benefício que ele vos fez, Sr. D. Pedro da Silva, pagai-lho com sufrágios por sua alma.

A máquina não se moveu. A duquesa de Cliton saíra, e viera sentar-se a par do visconde de Armagnac, que a esperava em um tilburi à porta do hotel.

— Que fostes aí fazer, Sr.^a Duquesa? — perguntou o visconde.

— Fui despedir-me do vosso amigo, e dar-lhe cartas de recomendação para o Oriente, visto que Alberto de Magalhães o não acompanha.

— A vingança endurece-vos a alma, senhora!

— A alma? Tenho-a eu porventura! Achais que a alma é alguma bala de ferro, que resiste ao fogo da desesperação?... Visconde! eu morri primeiro que Alberto de Magalhães! O que resta em mim, é a porção de demónio que entra na organização de todas as criaturas!